

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE BELAS ARTES  
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



**Letícia Rocha de Sá Ribeiro**

Orientação: Julie Pires

Rio de Janeiro  
2020

**FUTEBOL FEMININO:  
O OUTRO LADO DA PAIXÃO NACIONAL**

Letícia Rocha de Sá Ribeiro  
Orientação: Julie Pires

“Qual é, qual é?  
Futebol não é pra mulher?  
Eu vou mostrar pra você, mané  
Joga a bola no meu pé”

Cacau Fernandes, 2011.

ROCHA, Letícia. **Futebol Feminino: o outro lado da paixão nacional**. Rio de Janeiro, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Comunicação Visual Design) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

## **FUTEBOL FEMININO: O OUTRO LADO DA PAIXÃO NACIONAL**

### **Resumo**

O Brasil é reconhecido mundialmente como o país do futebol, mas não é todo futebol que tem a chance de se enquadrar nesse cenário. O presente projeto trata de um trabalho de conclusão do curso de Comunicação Visual Design que tem como temática as dificuldades e preconceitos existentes com relação à mulher no esporte, no âmbito do futebol feminino. Embora as mulheres consigam conquistar cada vez mais espaço na sociedade, o futebol feminino ainda sofre com preconceitos e estereótipos que acabam desvalorizando-o. Com isso, o projeto tem como principal objetivo instigar a reflexão nas pessoas acerca do futebol feminino, considerando os motivos pelos quais ele ainda é invisível, encorajando sua prática e incentivo. Além de pesquisa histórica, foram realizadas coletas de dados estatísticos, entrevistas e compilação de relatos de mulheres que já enfrentaram alguma dificuldade na prática desse esporte e, como resultado visual, a pesquisa inclui criação de uma campanha bem-humorada para dar voz a essas meninas e mulheres que amam o futebol e lutam por respeito e reconhecimento.

### **Palavras-chave**

Futebol feminino, mulheres, preconceito, desigualdade, incentivo.

### **Abstract**

Brazil is known worldwide as the country of soccer, but not all soccer type has the chance to fit in this scenario. The job presented here is a final paper for the course Visual Communication and Design which deals with the difficulties and prejudice that exist regarding women x sports at soccer. In spite of the fact that women have achieved more and more in society day by day, the female soccer still suffers with prejudice and stereotypes that end up taking it for granted. Thus, the main goal of this project is not only to incite the reflection of people towards the female soccer, taking into consideration the reasons why it is still visible, but also, to encourage its practice and incentive. Besides the historical research, it was also performed a collection of statistics data, interviews and a compilation of women's reports of those who have already faced difficulties while practicing soccer. And also, as a visual result, the research adds a fun campaign in order to give Voice to these women who love soccer and fight for respect and recognition.

### **Keywords**

Female soccer, women, prejudice, incentive, inequality.

## Agradecimentos

Certamente produzir um trabalho de conclusão de curso não é uma tarefa simples e, produzi-lo em meio a uma pandemia mundial foi mais difícil ainda. Sendo, sem dúvidas, uma das situações mais complicadas que já vivenciei, fui capaz de cria-lo, em meio a altos e baixos, tornando-se fundamental para me manter mentalmente e emocionalmente saudável em meio a uma realidade tão triste e inesperada. Para isso, algumas pessoas foram fundamentais nesse processo, sendo assim, trago meus mais sinceros agradecimentos.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais por toda base e apoio que me possibilitaram estar aqui e pelo incentivo a praticar todo e qualquer esporte que eu tivesse vontade, sem barreiras, preconceitos ou estereótipos, principalmente quando me encontrei no mundo do futebol. Agradeço minha mãe, Simone Rocha, por sempre me acompanhar em cada aula, jogo ou campeonato, nunca se importando pela filha dela estar calçando chuteiras ao invés de trajar collants. Agradeço também ao meu pai, Luiz Carlos, por ter me apresentado a bola, quando ainda pequenininha, sendo meu parceiro nesse amor inigualável, sempre me assistindo, jogando e torcendo por mim. Sem vocês nada disso seria possível.

Agradeço também as minhas tias Regina Rosa e Flávia Rocha, que sempre fizeram questão de me fornecer toda e qualquer ajuda e apoio necessários para que eu crescesse tanto como pessoa tanto como profissional. E ao meu irmão, Luiz Fernando e prima, Alexia Rocha, que me apoiaram, fazendo questão de elogiar, prestigiar e ter muito orgulho de tudo que faço.

Ao meu namorado e melhor amigo, Tiago Rigaud, que esteve presente em toda a evolução do projeto, desde as primeiras ideias até o seu fechamento, me dando todo o apoio emocional necessário, me auxiliando nas dúvidas e complicações que apareceram pelo caminho, aturando minhas crises e irritações e, principalmente, me acalmando e passando toda a segurança que eu precisava para seguir em frente. Obrigada por sempre acreditar em mim e no meu potencial.

A minha orientadora, Julie Pires, que se mostrou sempre solícita em todas as etapas de desenvolvimento do trabalho, me orientando da melhor maneira possível nesse novo normal e passando total confiança no meu projeto, além de acreditar muito na minha capacidade desde o início, fazendo com que eu me sentisse ainda mais confiante e segura. A professora, Raquel Ponte, por todas as dicas e questionamentos que enriqueceram ainda mais o projeto, acrescentando muito com seu conhecimento e experiência. Vocês duas sempre foram exemplos para mim desde o início da faculdade e é um prazer inenarrável tê-las comigo nesse momento.

Aos meus amigos da faculdade, Mariana Ferreira, Talita Veneza e Leonardo César, que foram meus parceiros desde o primeiro semestre, desenvolvendo trabalhos de

diversas áreas e matérias, compartilhando conhecimentos, ensinamentos e ajudando a me encontrar no mundo do design.

As minhas entrevistadas Ana Beatriz Ribeiro e Noele Bastos, que aceitaram falar sobre suas experiências, vivências e fazer parte desse projeto tão importante cuja temática precisa ganhar mais voz e poder. A jornalista Gabriela Moreira, que cedeu gentilmente um tempo para responder minha entrevista com tanto carinho e atenção, além de aceitar fazer parte da minha banca de avaliação. É um privilégio enorme tê-la avaliando meu projeto, com todo seu olhar e experiência no mundo do futebol e do jornalismo esportivo.

Não poderia deixar de agradecer a todas as instituições que incentivam o futebol feminino, os quais fizeram parte da minha história e, com isso, contribuíram para que esse projeto se tornasse possível. Dessa forma, agradeço ao Meninas do Guri (André Varanda e Pedro Coppelli) e ao Projeto Chutebol (Tiago Rigaud, Rodrigo Tupinambá, Ana Beatriz Ribeiro e Gustavo Lopes). Vocês fazem um trabalho lindo abrindo espaço e incentivando todas as meninas que sonham em praticar esse esporte, mostrando que lugar de mulher pode ser sim dentro das quatro linhas. Sem esquecer de todas as minhas amigas boleiras do futebol e da vida, que ajudaram a fomentar esse amor e manter viva a prática do futebol feminino.

Por fim, gostaria de dedicar esse projeto a todas as meninas e mulheres que sonham em jogar futebol. Muitas coisas já foram conquistadas ao longo desses anos, mas ainda existe um caminho muito árduo pela frente, repleto de preconceitos e julgamentos. Infelizmente ainda vivemos em um mundo onde espera-se que a mulher seja símbolo da doçura, delicadeza e fragilidade, sendo incentivada apenas a prática de atividades tidas como “femininas”. Cabe a todas nós mostrarmos que lugar de mulher é onde ela quiser e que podemos sim estar dentro dos campos, quadras e estádios. Podemos sim torcer, nos desesperar, reclamar e gritar. Podemos sim jogar futebol e podemos ainda assim continuar sendo mulheres. Nunca desistam dos seus sonhos, o futebol feminino depende de todas nós para sobreviver e estaremos juntas nessa luta!

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>1. Panorama da história do futebol feminino no Brasil.....</b>	<b>8</b>
<b>2. Preconceito de gênero: o policiamento do sexo .....</b>	<b>17</b>
2.1) Estereótipos e discursos acerca da mulher no esporte .....	19
<b>2.2) Diferenças de tratamento: jogando como homens e comportando-se como mulheres .....</b>	<b>20</b>
2.3) Fisiologia como justificativa.....	27
<b>3) Mídia: o veículo (im)parcial.....</b>	<b>31</b>
3.1) Mídia esportiva: formação e manipulação de opinião .....	31
3.2) Propagandas e campanhas: uma visibilidade temporária .....	38
<b>4. Ensaio imagético: desenvolvimento .....</b>	<b>42</b>
4.1) Pesquisas e buscas por referências bibliográficas.....	43
4.2) Realização de entrevistas.....	43
4.3) Pesquisas e busca por referências iconográficas .....	44
4.4) Elementos gráficos de apoio.....	46
4.5) Paleta cromática e tipografia .....	47
4.6) Formatos e dobras .....	49
<b>5. O projeto .....</b>	<b>49</b>
5.1) Zine 1: tinha que ser mulher.....	49
5.2) Zine 2: nem toda menina sonha em ser bailarina .....	54
5.3) Zine 3: jogue como uma garota .....	57
5.4) Elementos do conjunto .....	60
5.5) Fotos finais do projeto .....	64
<b>Conclusão .....</b>	<b>66</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>68</b>
<b>Referências iconográficas .....</b>	<b>70</b>
<b>Referências leis .....</b>	<b>72</b>
<b>Anexo 1 – entrevista concedida (Ana Beatriz Ribeiro).....</b>	<b>72</b>
<b>Anexo 2 – entrevista concedida (Noele Bastos).....</b>	<b>75</b>
<b>Anexo 3 – entrevista concedida (Gabriela Moreira).....</b>	<b>77</b>
<b>Anexo 4 – modelo de autorização de entrevistas .....</b>	<b>80</b>

## Introdução

O Brasil ainda é um lugar muito atrativo para pessoas de outros países, sempre encantam suas lindas praias e invejáveis paisagens. Se perguntarem a qualquer estrangeiro o que pensa quando falamos de Brasil, a resposta quase sempre será: samba, feijoada e futebol. Esse tripé ideológico que atrai turistas e resume nosso país nos associa a um povo alegre, que gosta de festa e vive uma paixão intensa pelo esporte. Essa reputação de “país do futebol” percorre todo o mundo, acompanhada dos nomes de craques como Pelé, Zico, Neymar, Ronaldinho, Kaká, Garrincha, Robinho e Marta, ícones do futebol, brasileiros que ficaram famosos internacionalmente por seus desconcertantes dribles e grandes conquistas. Entretanto, apenas uma mulher pode ser citada nessa lista de jogadores, e é nesta discrepância que se baseia o questionamento do presente trabalho.

Sempre gostei de praticar esportes, desde muito cedo, e me atrevo a dizer que experimentei de tudo, mas nenhum me encantou tanto quanto o futebol. Quando mais nova, costumava ir caminhando para meus treinos, sempre vestida com uniforme completo, chuteira e minha bola embaixo do braço. Ao longo do trajeto existia uma academia de dança e, com isso, me deparava sempre com mães levando pelas mãos suas meninas – algumas da minha idade e outras mais novas – vestidas com roupas de ballet. Não era esporádico o olhar de julgamento que vinha em minha direção, assim como também não era raro o olhar incomodado oriundo de pontos de ônibus e as expressões de espanto ao passar por bares e restaurantes. Independente da reação ou do local, o fato de estar vestida com roupas e aparatos de jogadora de futebol era algo que chamava a atenção. Com o passar do tempo, comecei a entender algumas questões que vinham atreladas aos meus trajes esportivos, sendo obrigada a lidar com olhares de reprovação e discursos preconceituosos, além de rótulos como “mulher macho”.

O ano de 2019 foi marcado pela Copa do Mundo Feminina na França. Houve uma enorme divulgação e publicidade em torno do evento, através de campanhas de grandes empresas e transmissão de jogos por importantes emissoras de TV. Junto a tamanha popularidade veio a atenção de diversas pessoas, que passaram a falar e incentivar a modalidade e, com isso, o futebol feminino e suas atletas ficaram em evidência em redes sociais e programas esportivos de televisão. Com a eliminação precoce da seleção brasileira e o fim da competição, toda essa atenção desapareceu e comentários de cunho machista e preconceituoso voltaram a ganhar espaço, fazendo com que essas mulheres retornassem às sombras do futebol masculino.

Diante de todo esse contexto, e da minha grande imersão pessoal no tema, o seguinte trabalho de conclusão do curso de Comunicação Visual Design pela Universidade Federal do Rio de Janeiro propõe discutir as dificuldades existentes no

Brasil para meninas e mulheres praticantes do esporte, revelando um pouco de sua história e das dificuldades enfrentadas.

O primeiro capítulo procura desvendar um pouco da história do futebol feminino brasileiro, ainda tão pouco conhecida. Confesso que até mesmo eu, amante e praticante do esporte, sei pouco ou quase nada sobre o passado da modalidade. Através de artigos, depoimentos, matérias e jornais esportivos da época, essa seção tem o objetivo de relatar um pouco de como era encarado o esporte para mulheres e como se desenvolveu com o passar dos anos, pontuando questões como a proibição, os times criados e a forma como essas atletas eram tratadas e vistas pela sociedade.

Já no segundo capítulo o foco é a questão do preconceito que está diretamente ligado à forma que o futebol feminino era encarado anos atrás. Abordando temáticas como as diferenças de tratamento de gênero, estereótipos e clichês ligados a figura feminina no esporte, o objetivo aqui é ressaltar uma das – senão a maior – dificuldades enfrentadas por essas atletas em âmbito sociológico e esportivo.

O último capítulo propõe discutir às abordagens da mídia em relação a essas mulheres atletas, visto que os veículos de comunicação – sejam eles jornais, revistas, televisão e rádios – circulam e propagam informações, sendo responsáveis pela formação de opinião de grande parte da população. É do conhecimento de todos que o sexo feminino é considerado frágil por muitos e, em função disso, pretende-se discutir e entender os impactos causados por essa ideia no decorrer dos anos.

Por fim, a monografia é concluída através de um ensaio imagético onde será elaborada uma campanha com o intuito de estimular e apoiar essa modalidade tão pouco reconhecida e respeitada, colocando essas atletas finalmente em evidência na tentativa de deixá-las um pouco menos invisíveis aos olhos dos amantes do grande país do futebol.

## **1. Panorama da história do futebol feminino no Brasil**

É do conhecimento de todos que a seleção brasileira perdeu para a Alemanha de 7x1 na Copa do Mundo de 2014. Esse acontecimento foi tão marcante que, além de virar motivo de brincadeira e gozação para muitos, a tarefa de devolver o placar é vista como uma meta a ser alcançada pela nossa seleção masculina até hoje. O feito alemão foi enaltecido por muito tempo, até mesmo pelos próprios torcedores brasileiros que, indignados com a atuação de seus jogadores, invejavam a conquista dos adversários. Entretanto, nosso país também tem uma vitória marcante como essa no currículo, e não faz tanto tempo. A seleção feminina do Brasil, na Copa América de 1998, em Mar del Plata, Argentina, goleou a seleção da casa – tida como nossa maior rival – pelo mesmo placar de 7x1, conquistando assim o tricampeonato. Mas por que essa conquista não é valorizada ou sequer conhecida pelos fanáticos e amantes do país do futebol?

Segundo dados recentes da Confederação Brasileira de Futebol, o país tem cerca de



400 mil jogadoras, número irrisório se comparado ao de nossos jogadores profissionais, ou então aos 12 milhões de atletas que pisam os gramados norte-americanos. Se pensarmos no papel que a bola desempenha enquanto elemento congregador de nossa identidade nacional, tal contraste coloca uma pergunta crucial: qual o lugar da mulher dentro do *país do futebol*? (FRANZINI, 2005, p.316)

O universo do futebol desde sempre foi considerado masculino, com isso, os valores e manifestações presentes nele também são estritamente masculinos. Diante disso, a entrada de mulheres nesse espaço subverte toda e qualquer tipo de “regra” ou ideal previamente estipulado, gerando questionamentos, incômodos, julgamentos e até estereótipos como “futebol é coisa para macho.”

Não é uma tarefa fácil afirmar quando e como foi a primeira partida de futebol feminino no Brasil. Segundo Pereira (2018) existem relatos de partidas mistas, contendo homens e mulheres, nos anos de 1908 e 1909. Durante muito tempo, acreditava-se que a primeira partida de futebol feminino teria sido realizada no ano de 1913, em um evento beneficente. Entretanto, foi descoberto que, na verdade, os times não passavam de jogadores do Sport Club Americano vestidos de mulheres. Sendo assim, a primeira partida oficial de mulheres ocorreu em 1921, entre senhoritas dos bairros de Tremembé e Cantareira, em São Paulo, durante festas juninas. A nomeação de pioneiras da modalidade no país ainda é uma incógnita, entretanto, a filha do dirigente do Araguari Atlético Clube, Teresa Cristina, defende o fato de que foram as meninas do Araguari as pioneiras, pois mesmo tendo existido outros casos de mulheres jogando bola antes disso, eram sempre em situações informais.

Existe uma polêmica em torno do tema. É claro que houve outros times durante o século, como em 1913, 1922. Mas foram apresentações em níveis circenses, festas de São João, coisas assim, mais isoladas. Não eram times que tinham preocupação profissional, como as meninas do Araguari tinham. Elas foram treinadas por técnico e tinha essa preocupação. Todos os jogos delas foram em campos com medidas e padrão profissionais. As jogadoras do Rio de Janeiro, que são citadas várias vezes por historiadores, jogavam em campos de várzea e não tinham um padrão. Em cima dessa proposta, elas podem ser consideradas as pioneiras. (PAPEL, 2016. Não paginado)

No ano de 1958, a seleção masculina marcava a data com a conquista do primeiro título mundial, comandada pelos idolatrados Pelé e Garrincha. Todavia, essa mesma data também foi marcante por outro importante acontecimento: o surgimento do primeiro time feminino do Brasil. Com o intuito de salvar da falência o Grupo Escolar Visconde de Ouro Preto, escola em Araguari, no Triângulo Mineiro, a diretora entrou em contato com os dirigentes do Araguari Atlético Clube para propor a realização de um jogo beneficente para arrecadar fundos para a escola. Porém, devido a má campanha do time masculino do clube nos últimos jogos, os dirigentes tiveram a ideia de realizar uma partida um pouco diferente, apenas com mulheres em campo. Foi realizada uma seleção com cerca de 40 meninas, onde 25 foram escolhidas. Comandadas pelo técnico Luiz Benjamim, pelo

treinador Luiz Teixeira e pelo massagista José Firmino, a ideia de Ney Montes – diretor do Araguari Atlético Clube – foi um sucesso. Aos poucos as meninas foram conquistando reconhecimento nacional, enchendo estádios e levando torcedores eufóricos conferir um bom jogo de futebol.

O futebol feminino era novidade, ainda mais pelo fato de que, naquela época, moça não se expunha, não colocava um short, ainda mais short curtinho. Nós éramos novinhas, bonitas e era uma recepção calorosa, a coisa mais linda do mundo. Era uma glória para nós.<sup>1</sup> (PAPEL, 2016. Não paginado).



(Figura 1)

No estádio Independência, em Belo Horizonte, as meninas vestiram as camisas de Atlético-MG e América-MG em jogo preliminar em 1959.

(Foto: Revista Manchete Esportiva/Reprodução)

Junto a popularidade e reconhecimento das meninas de Araguari vieram o preconceito e a proibição. Freiras, senhoras e alguns dos próprios pais das jogadoras julgavam a prática do esporte. O exercício físico era visto, durante o século XX, como uma forma de desenvolver a força física e a saúde das mulheres, promovendo assim gerações mais fortes e saudáveis, no âmbito reprodutivo. Contudo, somente eram permitidos esportes que reforçassem as características femininas como delicadeza do corpo, sutileza dos gestos e inexistência de contato direto (de forma a não prejudicar o desenvolvimento anatômico e fisiológico), como dança, ginástica e natação. Diante disso, muitas pessoas recebiam a notícia do futebol feminino com estranheza e incomodo, manifestando sua indignação de diversos modos, até que um desportista chamado José Fuzeira enviou uma carta ao atual presidente do país solicitando atenção para “uma calamidade” que estava prestes a acontecer:

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza

---

<sup>1</sup> Haidê Dias, ex-ponta esquerda atleta, atualmente com 74 anos.

que a dispôs a ser mãe. Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes; pois, desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol *com um grupo de cegos* a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de guizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, no decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem também em assaltos de luta livre e em justas da “nobre arte”, cuja *nobreza* consiste em dois contendores se esmurrarem até ficarem babando sangue.<sup>2</sup> (FRANZINI, 2005, p.319)

A carta escrita por José Fuzeira gerou grande repercussão no país, fazendo com que mais pessoas comesçassem a falar sobre o assunto. Com isso, o jornal *Gazeta Esportiva* publicou a opinião do Doutor Leite de Castro, conhecido como o primeiro médico do Brasil a dedicar-se à medicina esportiva. Em seu texto, o doutor fala sobre as consequências que um esporte violento poderia acarretar, alegando que:

Não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará. Pelo contrário — é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras consequências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero). (FRANZINI, 2005, p.321)

Sem embasamentos concretos que permitissem ir contra a prática da modalidade, restava às pessoas apelarem novamente aos clichês e regras previamente estipuladas, ressaltando qual era a função da mulher na sociedade, evidenciando um possível risco de seu desempenho reprodutivo. O argumento mais comum dizia que um esporte agressivo, além de alterar e prejudicar a fisiologia feminina, distorcia a imagem da mulher, tornando-a promíscua e inapropriada, quando na verdade tratava-se de uma inversão de papéis, onde as mulheres passavam a invadir um espaço e ambiente “natural” dos homens, sendo encarado assim, o futebol feminino, como um desvio de conduta.

Para a moral de então, tais fatos eram um ataque ao esporte nacional e à “família brasileira”, tanto que, enquanto a *Gazeta* celebrava a intervenção das autoridades e o fim da “existência condenável do futebol feminino”, o *Diário Carioca* vibrava com a investigação, pela polícia, das “verdadeiras finalidades desses clubes femininos”, qualificados como “antros de perdição” pelo repórter. (FRANZINI, 2005, p.324)

---

<sup>2</sup> Carta de José Fuzeira ao Ilmo. Sr. Presidente da República, Dr. Getulio Vargas (grifos do original). Rio de Janeiro, 25.04.1940. Arquivo Gustavo Capanema — CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (RJ): GC 36.04.22/g — Filme 42 — mf. 0117.

Diante de tantas discussões sobre os perigos da participação da mulher no futebol e no que isso poderia influenciar em sua saúde, no ano de 1941 foi assinado o Decreto-Lei número 3.199/41, pelo Ministério da Educação, o qual dizia em seu artigo 54 que: “Às mulheres não se permitirão a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”<sup>3</sup>. Esse decreto foi implementado no ano de 1965, no meio da ditadura militar no Brasil, desta vez de forma mais específica e sem margens para interpretações, proibindo de uma vez por todas a prática de lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, *rugby*, halterofilismo e basebol por parte de mulheres.

O futebol feminino passou a ser visto pelo CND como uma prática ilícita somente quando deu sinais de que poderia estruturar-se como uma modalidade esportiva feminina, conquistando mais autonomia perante os homens e fazendo reivindicações que até então eram restritas ao futebol masculino. O CND "entrou em campo" e fez com que a lei fosse cumprida, antes que fosse tarde demais, quando aquelas experiências isoladas passaram a representar um afronte aos costumes sociais da época que restringiam a mulher ao espaço privado, vigiavam a vestimenta e disciplinavam o seu corpo feminino. Nesse sentido construiu-se o discurso que a prática do futebol não era condizente com a mulher principalmente se jogado com chuteiras! (RIGO apud SALVINI Leila, MARCHI JÚNIOR Wanderley, 2013, p.97)



(Figura 2)

Créditos: Museu do Futebol

A partir da criação do decreto lei, o moralismo e o machismo foram ainda mais impostos, baseados em uma teoria científica vista como correta e indiscutível na época, a

---

<sup>3</sup> BRASIL. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 17 out. 2019

qual afirmava que o futebol feminino era prejudicial para a fisiologia da mulher. Mesmo diante da proibição, as meninas de Araguari continuaram lutando contra todos os preconceitos e, apesar de terem recebido convite para jogar no México nesse mesmo ano, não resistiram e o time chegou ao fim em 1959, juntamente com a prática do futebol por mulheres no país.

Jogamos em várias cidades, vários estados. Tínhamos até uma proposta para jogar no México, lá elas tinham time. Aí veio a proibição. Eu achei muito ruim. Nós jogávamos por prazer, porque não ganhávamos nada. Quando íamos viajar, tínhamos hospedagem, refeições, tudo. Mas financeiramente, nada. A gente gostava, realmente.<sup>4</sup> (PAPEL, 2016. Não publicado).



(Figura 3)

Jornal Correio do Paraná de 13 de junho de 1959, fala da proibição do futebol feminino no Brasil pelo Conselho Nacional de Desportos  
(Foto: Correio do Paraná/Reprodução)

Enquanto as mulheres, amantes do futebol, se escondiam para jogar, a Seleção Brasileira masculina de futebol se tornava a primeira tricampeã mundial em 1970 e recebia todo o apoio, reconhecimento e aplausos, sempre com os holofotes apontados para ela. A prática feminina só voltou a ser permitida no ano de 1979, com a revogação da deliberação, passando a ser criadas algumas ligas e times femininos, com destaque para a equipe do Radar, no Rio de Janeiro. Mesmo que tenha se tornado legal, o preconceito e a falta de investimento ainda eram empecilhos para que a modalidade alavancasse.

A revogação do decreto lei, no ano de 1979, se deu graças ao sucesso da equipe feminina de judô. Joaquim Mamede de Carvalho e Silva (técnico e pai de 3 atletas) solicitou a passagem para a viagem ao Uruguai, para disputar o Sul-Americano de judô,

<sup>4</sup> Haidê Dias, ex-ponta esquerda atleta, atualmente com 74 anos.

ao CND com o nome das 3 atletas como se fossem homens. Com isso, Patrícia Maria de Carvalho e Silva, Ana Maria de Carvalho e Silva e Cristina Maria de Carvalho e Silva e Kasue Ueda se tornaram Patrício Mário, Amel Mário, Cristiano Mário e Ueda Kasue. As atletas voltaram com medalhas de ouro e bronze e tiveram que prestar esclarecimento ao Conselho. No intuito de mostrar a eles que não existiam motivos para proibir a prática de lutas femininas, foram todas uniformizadas com suas medalhas e troféus. Dois meses depois da competição, em dezembro de 1979, o decreto foi revogado. Apesar da conquista desse direito, as mulheres atletas continuaram sendo obrigadas a lidar com dificuldades e questões culturais que perduram até hoje.

Mesmo as mais recentes tentativas oficiais de incentivo ao futebol feminino no Brasil escorregam no machismo característico de nossa cultura, como foi o caso do Campeonato Paulista Feminino de 2001. À época, reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* revelou que um dos pontos do projeto elaborado pela Federação Paulista de Futebol e pela empresa Pelé Sports & Marketing para o torneio condicionava seu sucesso a “ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino”. Tradução: calções minúsculos, maquiagem e longos cabelos, presos em rabos-de-cavalo. (FRANZINI, 2005, p.316)

Embora a lei de proibição tenha sido revogada no ano de 1979, a regulamentação do esporte para essas mulheres só veio quatro anos depois, em 1983, permitindo finalmente que fossem organizados torneios, calendários de jogos, utilização de estádios oficiais e prática nas escolas. No ano de 1988, a FIFA (Federação Internacional de Futebol) promoveu um torneio de carácter experimental na China, denominado de “Women’s Invitational Tournament” que, como já explica o nome, um convite às mulheres para esse esporte que antes não fazia parte de sua natureza. Vale ressaltar que nenhum uniforme foi confeccionado especialmente para as atletas, as quais viajaram para o torneio mundial com as sobras de roupas usadas pelos homens. Apesar de todas as barreiras, a seleção feminina conseguiu conquistar a medalha de bronze nos pênaltis, estimulando o desenvolvimento da modalidade em todo o mundo.



(Figura 4)

(Créditos: Acervo Museu do Futebol, Suzana Cavalheiro)

Além da falta de investimento e respeito, as atletas ainda não conseguiram

conquistar o reconhecimento que desejam. O Brasil é um país reconhecidamente futebolístico, onde grandes nomes de atletas brasileiros são renomados mundialmente, como Pelé, Garrincha, Romário, Zico e Edmundo. Entretanto, dificilmente você escutará ou lembrará o nome de alguma atleta nesses marcos do esporte.

Mariléia dos Santos, conhecida por Michael Jackson participou da primeira Olimpíada de futebol feminino, em Atlanta 1996. Sendo considerada uma das principais atletas da modalidade nas décadas de 1980 e 1990, foi a primeira jogadora a atuar fora do país e, muitos afirmam que tem mais gols na carreira do que Pelé.

Cristiane Rozeira de Souza Silva, a Cristiane da seleção brasileira, já é um pouco mais reconhecida, mesmo que superficialmente. Convocada pela primeira vez para a seleção brasileira aos 15 anos, em 2012 tornou-se a maior artilheira do futebol feminino da história dos jogos olímpicos e, quatro anos depois, consagrou-se a maior artilheira do futebol em jogos olímpicos, independente do gênero.

Revoltada e cansada das injustiças e dificuldades que precisam enfrentar, a atleta Cristiane fala sobre desentendimentos e insatisfações com a CBF (Confederação Brasileira de Futebol):

Por que não colocam nossas camisas à venda? E eu me cansei de ter que ficar escutando de diretor que nós só sobrevivemos por causa do dinheiro do masculino. Já que isso acontece, por que não criam um plano para que possamos sobreviver por nós mesmas? Criem. Se tem pessoas que não tem vontade de trabalhar para que isso aconteça, tem varias outras que tem, inclusive ex-atletas que não tem oportunidade. (PEREIRA, 2018, ebook posição 264 de 1547)

Maraildes Maciel Mota, a incansável Formiga, é a única jogadora no mundo a ter participado de seis edições dos jogos olímpicos, além de ter atingido a incrível marca de seis copas do mundo de futebol feminino. Sendo duas vezes vice-campeã olímpica e uma vez vice-campeã mundial, Formiga atingiu a marca de ser a futebolista, entre homens e mulheres, com maior numero de jogos pela Seleção Brasileira.

Talvez uma das únicas atletas de futebol reconhecida mundialmente, Marta Vieira dos Santos, conhecida apenas como Marta, vem de uma pequena cidade chamada de Dois Riachos, no estado de Alagoas. Além de ser a atual melhor jogadora do mundo, conquistou esse prêmio seis vezes em sua carreira. No ano de 2015 alcançou o marco de maior artilheira da história da seleção brasileira – incluindo homens e mulheres – superando nomes como o de Pelé, sendo a única mulher a deixar suas pegadas na calçada da fama do Estádio Jornalista Mario Filho, conhecido popularmente como Maracanã. Para as jovens meninas que sonham em se tornar jogadoras de futebol, faz um apelo: “o meu conselho sempre será de perseverança, determinação. No Brasil nada é fácil, temos que lutar para realizar os sonhos. Este é o meu conselho, não desista! Mesmo que uma porta se feche aqui, lute para que outra se abra ali.” (PEREIRA, 2018, ebook posição 757 de 1547).

Atualmente as mulheres não sofrem mais com a proibição do esporte, todavia precisam lidar com o preconceito enraizado na sociedade. Mesmo que o Decreto de proibição tenha sido revogado no final dos anos 1970, quem se mantém no comando dessas equipes são homens, reforçando ainda mais questões de estereótipo, machismo, e dificultando a visibilidade e reconhecimento dessas atletas.

Paralelamente a todas as dificuldades, também existem avanços e conquistas. Recentemente algumas medidas que obrigam que haja investimento no futebol feminino estão sendo implementadas. No ano de 2015 foi criada a Lei do ProFut – Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro – a qual diz, em seu artigo 4º, e um deles, o do inciso X, que haja “manutenção de investimento mínimo na formação de atletas e no futebol feminino e oferta de ingressos a preços populares.” (SALEMI, 2017, ebook posição 913 de 1124). A criação dessa lei foi um ponto muito positivo, visto a falta de investimento que existe na modalidade nos dias de hoje, entretanto, vale ressaltar que a única frase abordando o futebol feminino é muito vaga, isto é, sem especificar quanto e como o dinheiro em questão deveria ser usado.

Algumas mudanças também estão ocorrendo por entidades esportivas que regulam o futebol, como no caso da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), que divulgou, em 2016, seu novo Regulamento de Licenciamento de Clubes, dizendo que os clubes masculinos que queiram participar de suas competições, como a importante Taça Libertadores da América, deverão ter equipes femininas ou associar-se a clubes que as tenham, além de prover suporte técnico, de equipamentos e infraestrutura para essas mulheres, inscrevendo-as em competições nacionais ou regionais. Essas novas regras entraram em vigor em 2018 e, a partir do ano de 2019, os clubes que não cumprirem esses pré-requisitos, não poderão participar de competições organizadas pela Confederação. Seguindo os passos da CONMEBOL, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) também publicou, em 2017, seu Regulamento de Licenciamento de Clubes, no qual traz os mesmos critérios e requisitos da confederação sul-americana, da exigência de um time principal e, pelo menos uma equipe feminina de base, promovendo todo suporte necessário para essas atletas treinarem e participarem de competições oficiais autorizadas pela CBF. Iniciativas como essas certamente desempenham um importante papel para que o futebol feminino possa se desenvolver e crescer cada vez mais, entretanto é necessário dar condições para que esses times – que serão obrigados a existir – possam jogar e evoluir.

Em relação a CONMEBOL, o que eu espero é que eles tenham um campeonato organizado, porque não adianta nada que eu obrigue todos a ter equipe feminina, mas para disputar o quê? Eles vão ter que arcar com aquilo ali. A Libertadores, hoje, dura em torno de 14 dias e é realizada em campos esburacados, em campos que não tem iluminação, em estádios precários, o transporte de atletas não existe, alimentação, uma série de coisas que é obrigação da Confederação Sul-Americana de Futebol.<sup>5</sup> (SALEMI, 2017, ebook posição 938 de 1124)

---

<sup>5</sup> Juliana Cabral, zagueira vice-campeã olímpica em Atenas, no ano de 2004.



Muitas meninas hoje têm o sonho de se tornarem jogadoras de futebol. Mas, ainda que esse caminho tenha se tornado menos árduo em relação aos anos passados, existe um enorme abismo entre essa trajetória quando comparada ao esporte de paixão nacional, ou seja, o futebol masculino. É claro que, até mesmo para os homens, nem tudo acontece de forma fácil, apenas a diferença de que os meninos são estimulados a chutar bola desde que aprendem a dar os primeiros passos, enquanto as meninas ganham de presente bonecas, maquiagem e vestidos. Além disso, os homens não precisam enfrentar os desafios e barreiras do preconceito, da falta de organização e profissionalização, carência de investimentos e baixos salários.

Por fim, é importante ressaltar que as mulheres, sejam elas atletas, treinadoras, dirigentes ou torcedoras, não defendem que sua modalidade receba mais atenção do que a dos homens, querem apenas que exista igualdade e que possam dividir o mesmo espaço profissional. Quando, e se isso acontecer, mais meninas poderão sonhar – e conseguir – ser jogadoras de futebol sem precisar torcer para nascerem em lugares onde não sejam julgadas por optarem por calçar chuteiras e brincar com bolas ao invés de bonecas.

De modo geral, não houve sensibilidade para compreender a entrada das mulheres em campo como uma decorrência da popularização do futebol entre nós. Todas as reações a esse movimento, como se viu, foram no sentido de colocá-las “no seu devido lugar”, banindo-as de dentro das quatro linhas, espaço próprio ao homem. Para elas, futebol só da arquibancada, e ainda assim em lugares reservados, como se fossem guetos na torcida. Neste caso, sua presença nos estádios não só era saudada como estimulada pela imprensa. A relação tolerada das mulheres com o futebol funcionava assim como metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que neste seu papel não era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens “construírem a nação”. (FRANZINI, 2005, p.324)

## **2. Preconceito de gênero: o policiamento do sexo**

Até hoje as mulheres precisam lutar para conquistar seu espaço na sociedade, seja no mercado de trabalho ou dentro das próprias estruturas familiares. Até pouco tempo eram vistas como donas do lar enquanto os homens eram responsáveis pela tarefa de trabalhar e garantir a segurança da família. Diante de tantos anos de controle e hegemonia masculina nos diferentes setores da sociedade, não é de se estranhar que no universo esportivo seja do mesmo modo. Em um mundo comandado por homens, as mulheres adentrarem em um espaço, onde a virilidade e força masculina são postas em evidência, trata-se de algo anormal, longe da realidade e dos padrões encarados como ideais do comportamento delicado do sexo feminino, dando início as discussões acerca do preconceito de gênero no esporte. Mas, antes de abordar essa temática, vamos discutir um pouco mais as seguintes questões: o que é considerado preconceito? Quais elementos o constitui? O que faz com que as pessoas tenham preconceitos?

É impossível estudar preconceito sem tratar das relações entre os aspectos psíquicos e sociais referentes ao indivíduo, isto é, as relações entre o que ocorre no âmbito mental e comportamental de uma pessoa e as vivências em suas relações sociais, que acontecem no dia a dia. Segundo pesquisas de Allport (1946) e de Adorno et. Al (1965), o preconceito não é inato, isto é, ele não pertence ao ser desde o seu nascimento, muito

pelo contrário, é desenvolvido ao longo da vida a partir de conflitos psíquicos e estereótipos presentes em cada cultura ou vivência. Por outro lado, essas pesquisas também revelam que aqueles que apresentam preconceitos em relação a algo específico, tendem a apresentar em relação a diversos outros e, devido as diferentes formas de estereótipos existentes, acredita-se que exista alguma coisa nesses alvos que faça com que seja criado um preconceito, mesmo que não se refira ao alvo em si, mas a forma como ele é visto e à percepção que se tem dele, visto que o preconceito diante de um negro, não é o mesmo que recai sobre o gay e muito menos sobre um deficiente físico.

Já Adorno e Horkheimer (1986) indicam que a própria história do povo judaico dentro da cultura ocidental e seu papel civilizador trazem elementos que atacam reações hostis nos antissemitas. Por exemplo, o fato de os judeus durante o período moderno terem a sua participação vedada nos processos de produção confinou-os na esfera da circulação, no comércio, por um longo tempo, o que leva a identificá-los com essa esfera, e daí proviriam as características atribuídas desde apego ao dinheiro e coisas materiais. Ou seja, uma situação histórica delimitada e substituída no estereótipo por uma série de características consideradas imanentes ao judeu. As características de um povo que foram determinadas historicamente, mais devido às circunstâncias sociais do que a si mesmo, são consideradas inerentes a ele. (CROCHIK, 1996, p 48)

Outro elemento importante do preconceito é a generalização das características atribuídas a um grupo para todos os indivíduos que fazem parte deste, fazendo com que as relações individuais e pessoais com cada um sejam omitidas e substituídas por esse estereótipo previamente estipulado. Em outras palavras, uma característica torna-se tão marcante que acaba por transformar qualquer outra em irrelevante, por exemplo os “nerds” ou pessoas muito estudiosas são vistos como pouco atléticos, desligados das questões materiais do mundo, aqueles que sabem de tudo e são pouco populares e, diante de tantos conceitos previamente concebidos, questões como se o indivíduo é homem ou mulher, ateu ou religioso, novo ou velho acabam ficando em segundo plano.

Os preconceituosos veem no objeto aquilo que eles têm de negar em si mesmos: a fragilidade, o desamparo. Não é à toa que os objetos do preconceito sejam, em geral, considerados frágeis socialmente: os judeus, os negros, as mulheres, os deficientes, os portadores do vírus da AIDS, os doentes mentais. (CROCHIK, 1996, p 61)

É possível concluir então que a criação de estereótipos e apropriação de preconceitos advém de relações individuais e de questões culturais impostas a eles, uma vez que os preconceituosos buscam projetar no outro suas fraquezas e dificuldades, aquilo que não é para ser seguido ou que é considerado frágil. Vale ressaltar que, em um mundo tão competitivo, os indivíduos são estimulados e obrigados a competirem entre si em busca da sobrevivência, fazendo com que evidenciem as partes negativas no outro. Diante disso, o preconceito passa a ser uma arma para derrotar o mais fraco e garantir seu poder e lugar na sociedade.

Agora que o termo preconceito já foi apresentado no contexto deste projeto, podemos adentrar em uma categoria que, infelizmente, ainda é muito presente nos dias de hoje: o preconceito de gênero. O termo “gênero” surgiu como alternativa ao termo “sexo” que, por sua vez, está ligado estritamente ao corpo, já que existem diferentes maneiras e significados para este (dependendo da cultura) e, com isso, o conceito de “sexo” não poderia fornecer todas as possíveis noções de masculino e feminino

existentes. Sendo assim, enquanto “gênero” engloba tudo aquilo que é construído socialmente, “sexo” trataria dos fatores biológicos que diferem homens e mulheres.

“Sexo” é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas [...]. “Gênero”, pelo contrário, é um termo que remete à cultura: ele diz respeito à classificação social em “masculino” e “feminino” [...]. Deve-se admitir a invariância do sexo tanto quanto se deve admitir a variabilidade do gênero. (KNIJNIK, 2010, p 37)

A identidade pessoal de uma pessoa está ligada, inevitavelmente, a identidade sexual dela, o que depende diretamente de símbolos atrelados às diferenças de gênero, sejam eles roupas, trajes ou adereços considerados femininos ou masculinos. Por exemplo, antes de descobrir o sexo de um bebê, este ainda não possui um nome ou sequer grande variedade de roupas. Quando essa informação é revelada, uma série de medidas são tomadas para que se crie uma identidade pessoal dessa criança, isto é, roupas e brinquedos específicos são comprados, além de uma predominância de cores para que seja reafirmada sempre sua identidade sexual. A clareza da oposição entre homem e mulher sempre pareceu tranquilizar a mente humana e isso se baseou no contexto identitário pautado no corpo. Antigamente acreditavam-se que as funções sociais das pessoas eram imutáveis e estavam vinculadas à biologia humana. Sendo assim, o corpo forte dos machos deveria executar as tarefas mais pesadas e brutas enquanto as frágeis fêmeas se resguardariam para tarefas mais delicadas. A evolução social, no decorrer do tempo, possibilitou que as pessoas pudessem viver em diferentes círculos e assumir diferentes identidades ao longo de sua vida.

Aos poucos, desde o movimento sufragista na Inglaterra, as mulheres foram conquistando espaço na história, acabando com a ideia de que a função da mulher na sociedade é apenas cuidar do lar e da família. Elas passaram a ocupar o mercado de trabalho, conquistaram o direito ao voto, se apossaram de cargos públicos, do governo entre outras posições que possibilitaram novas formas de vida para essas mulheres. Junto aos movimentos feministas e as conquistas de espaço pelas mulheres, veio a presença delas nos esportes e, por sempre ser considerado um ambiente de homens, o estranhamento tornou-se inevitável por parte da sociedade.

## 2.1) Estereótipos e discursos acerca da mulher no esporte

O esporte foi conquistando espaço no decorrer do século XX e, a partir da segunda guerra mundial, tomou conta dos corações de todos os povos do planeta. Hoje em dia ele é o responsável pela mobilização de bilhões de pessoas, sejam espectadores, ouvintes ou leitores de todas as classes sociais e faixas etárias. Diante de tamanha popularidade e difusão, o esporte acaba por significar muito além de paixão por clubes locais ou países, torna-se responsável pela propagação de ideologias e mensagens – hoje em dia muito comerciais devido a demanda de propagandas e produtos esportivos com o intuito de venda dos mesmos e divulgação de suas marcas – sobre significados dos corpos, formas de comportamento e até mesmo um ideal físico de perfeição corporal a ser alcançado.

Na maioria dos esportes, o gênero ainda é uma questão marcante, fazendo com que homens e mulheres compitam separadamente, com exceção de equipes mistas que são formadas para torneios de confraternização ou exibições amadoras. Comparações

entre os gêneros, no âmbito esportivo, sempre existiram, tendo sempre como referência as performances masculinas, como por exemplo no futebol, onde as características de força e velocidade se sobrepõem as de resistência e elasticidade.

Mesmo com as mudanças em relação ao papel da mulher ocidental contemporânea, cidadã e consumidora, participante ativa do mercado de trabalho, muitos dos seus direitos de acesso a oportunidades ainda são limitados e insuficientes – principalmente quando se trata de esporte. Isto é, por mais que diversas discussões e temáticas feministas estejam ganhando cada vez mais força, ainda não existem investimentos suficientes para sustentar essas atletas na prática de determinadas atividades.

No caso do gênero, a reprodução das estruturas funciona como um crime quase perfeito. Não se estimulam as meninas a jogarem futebol. Alguém já viu uma menina ganhar uma bola de presente de aniversário? (...) Quando ela vier a fazer isso já terá passado algum tempo e a diferença técnica dela em relação a eles será gritante. Ou seja, ela acabará se transformando em motivo de chacota e em mais um exemplo de que mulher não sabe jogar futebol... Quando nascer uma menina, já que mulher 'não sabe jogar futebol', ninguém vai lhe dar uma bola de presente e assim o ciclo se completará. (SAMUEL KESSLER, 2012, p 245).

Por outro lado, conforme o tempo foi passando, esse papel social alcançado pelas mulheres prova que também são capazes de realizar as atividades antes vistas como masculinas e, com isso, atributos como força, garra, valentia também passam a ser associadas a elas.

São vários os adjetivos atribuídos ao feminino, sendo eles a graciosidade, a sensualidade, o belo, o frágil, a delicadeza, entre outros. Desde sempre o futebol foi encarado como um esporte masculino, mas, de repente, passou a ter mulheres como praticantes. Por que causa tamanho estranhamento uma menina vestida de uniforme de futebol e calçando chuteiras? Por que isso a deixaria menos feminina? Por que o sinônimo de belo e feminino é sempre a dança, a ginástica e o ballet? Até hoje são perguntas sem respostas, mas, uma possível explicação é o fato de homens e mulheres ocuparem lugares opostos e divergentes, sendo conferidos atributos e qualidades que se complementam, como: potência x fragilidade, virilidade x fecundidade, produção x reprodução, público x privado. Diante disso, quando uma mulher decide entrar em um “ambiente masculino”, essa diferença e complementaridade é encurtada e amenizada, passando a ser vista como pertencente ao sexo masculino e sendo associada ao homossexualismo.

Reforçam-se, assim, valores e comportamentos que enlaçam a mulher ao seu destino biológico fazendo crer que apenas sendo mãe é que expressa o máximo de sua feminilidade. (VILODRE GOELLNER, 1999, p 41)

## **2.2) Diferenças de tratamento: jogando como homens e comportando-se como mulheres**

O aumento gradual da participação de mulheres dentro das quadras e campos não quer dizer que o preconceito de gênero esteja chegando ao fim. Mesmo que times de futebol feminino sejam criados, muitos deles acabam se desfazendo em pouquíssimo tempo, em detrimento da falta de investimentos e visibilidade, levando muitas dessas atletas a saírem do país em busca de profissionalização como jogadoras de futebol e, principalmente, mais respeito e valorização. A atleta, melhor goleira atual de Beach soccer (futebol de areia) do mundo, Ana Beatriz Paredes Ribeiro<sup>6</sup>, concedeu gentilmente uma entrevista a autora deste trabalho, onde falou um pouco sobre sua experiência como jogadora de futebol no exterior, ilustrando muito bem essa diferença de valorização das jogadoras entre o Brasil e os demais países.

Joguei na Turquia representando a equipe do Grembach da Polônia e é surreal. Não se compara a nenhuma passagem minha por seleção, no campo, no futsal ou em qualquer clube aqui, é outro nível. [...] A estrutura é bizarra. Nosso treinador, que era o dono do time, deu todo suporte, toda a estrutura, a gente não tinha que se preocupar com nada. Ganhamos uniforme de passeio, 2 casacos, 1 capa, uniforme de treino, tudo. Enquanto aqui a gente tem uniforme para jogo que a gente usa e tem que devolver. (PAREDES RIBEIRO, 2020, pergunta 3/15)

O futebol foi um esporte criado por homens e para homens, onde estes podiam demonstrar toda sua virilidade e reforçar ainda mais sua masculinidade. Com a inserção de mulheres nessa modalidade, veio o estranhamento e a comparação, quase que de forma automática e inevitável, fazendo com que o desempenho esperado dessas atletas era de que jogassem como homens e se comportassem como mulheres. Qualquer cenário diferente deste não era aceito ou sequer cogitado. Assim, a mulher foi vista como invasora de um ambiente masculino, obrigando os homens a compartilhar adjetivos como força, determinação e busca de limites independente do gênero, causando muita inquietação e desaprovação.

Como se não bastasse enfrentar todo esse preconceito, enquanto os homens se preocupam apenas com seu rendimento esportivo, as mulheres são obrigadas a atentar a diversos fatores, até mesmo seu vestuário dentro e fora de campo. A roupa impõe a maneira como se é visto socialmente, além de estar ligada diretamente à expressão da sexualidade. No intuito de se desvincular dos atributos e estereótipos responsáveis pelo preconceito, tão comuns na sociedade, seja para preservar sua imagem ou para não afastar os escassos patrocinadores, as atletas buscam um meio termo em suas vestimentas, adequando seu jeito de vestir a um estilo esportivo unissex.

Ao mesmo tempo em que não querem usar roupas apertadas ou não querem adotar o visual de "patricinhas", elas também pensam na imagem social que as demais pessoas construirão sobre elas e nas implicações futuras de suas escolhas. "Fazer chapinha", cuidar do cabelo, fazer as unhas ou usar brincos são alguns exemplos de

---

<sup>6</sup> Profissional de Educação Física, atleta, professora de futebol na Escolinha de Futsal do Clube Militar e atual melhor goleira do mundo de Beach soccer. Atualmente com 23 anos, atua como goleira no clube Boa Vista, do Rio de Janeiro, no Rio Branco do Espírito Santo e no GremBach da Polônia.

táticas estéticas simples e que as afastam de um padrão masculino, sem comprometer o conforto. (SAMUEL KESSLER, 2012, p 250)

O conceito de ‘feminilidade’ torna-se um grande empecilho para o avanço da prática esportista dessas mulheres, devido ao campo futebolístico não ser reconhecido como feminino ou condizente com os atributos de beleza, delicadeza e fragilidade enraizados. Por mais que a questão da beleza, nos dias de hoje, ainda seja muito forte para as praticantes do esporte, um dia chegou a ser pré-requisito, quase como uma norma ou condição a ser cumprida. Em 2001, a Federação Paulista de Futebol deixou claro que priorizava a aparência física das atletas acima de suas habilidades técnicas, selecionando apenas aquelas que atenderiam aos estereótipos femininos de beleza e, assim, privando aquelas que não se enquadravam nesses quesitos, como o caso da jogadora Sissi, uma das melhores atletas de futebol feminino da história, onde é possível ver este pensamento no trecho abaixo retirado do jornal Folha de São Paulo.

No lugar dos cabelos ralos, longos rabos-de-cavalo. Dos calções masculinos, shorts minúsculos. Da cara limpa, a maquiagem. Em seu campeonato feminino, que começará em 7 de outubro, a Federação Paulista de Futebol vê a beleza como requisito fundamental para selecionar as meninas que disputarão a competição. (...) Conforme as regras do Paulista, a meia Sissi, principal jogadora da história do futebol feminino brasileiro, não teria vez no torneio. Sissi tem os cabelos raspados. (Folha de São Paulo, 16 setembro 2001, p.D5). (KNIJNIK, 2004, p 16)

As categorias masculino e feminino no esporte parecem estar ligadas muito mais a questões externas do que internas, visto que a aparência costuma ser o fator determinante para o enquadramento em cada um dos rótulos. Se por um lado as mulheres de cabelo curto, que jogam futebol, são encaradas como “mulher macho” ou “lésbica”, os homens atletas que não usam barba ou que tem poucos pelos corporais não são considerados “menos homens”. A incorporação de características femininas pelas jogadoras aumenta sua visibilidade por parte do público, sendo através de unhas pintadas, cabelos longos bem cuidados e até mesmo maquiagem.

Mas a vida das atletas femininas, seja no futebol ou em qualquer outro esporte, não é fácil. São cobradas atitudes e comportamentos femininos para que não fiquem masculinizadas, e quando estas assumem essas formas de portar, por conta própria, acabam sendo reprimidas ou tornando-se exageradas. Foi o caso das jogadoras de vôlei da seleção alemã que posaram nuas para uma revista local e receberam punição da FIVB (Federação Internacional de Voleibol), o que demonstra uma atitude um pouco contraditória, visto que pouco tempo antes essa mesma entidade incentivava e exigia que as seleções participantes dos campeonatos usassem uniformes mais justos e menores, realçando o físico e corpos torneados das atletas. Outro famoso caso foi o da jogadora Marta, durante a Copa do Mundo Feminina de 2019, na França, que entrou em campo usando batom de cores chamativas (roxo e vermelho) e foi alvo de muitas críticas acompanhadas de argumentos como “ficou tão preocupada em passar batom e

maquiagem que não jogou nada” e “se tivesse passado menos tempo no salão e mais tempo treinando podia ter feito alguma coisa”. Ou seja, as mulheres que decidem atender a esses estereótipos de beleza, atrelados a figura da mulher, são alvo de reações machistas e preconceituosas e aquelas que optam por não usufruir de produtos de embelezamento são alvos de julgamentos como preguiça e descuido. Seja de um jeito ou de outro, fica evidente o menosprezo à presença feminina no esporte.



**(Figura 5)**

Jogadora Marta entra em campo com batom Avon  
(Foto: Reprodução/Veja SP)

Além do preconceito, outra grande barreira enfrentada pelas atletas é a questão do investimento, que gera pouca visibilidade. Enquanto investidores e patrocinadores “batem na porta” dos homens para oferecer investimento, devido as suas boas performances nas temporadas, as mulheres, ao mesmo tempo que lutam por mais respeito e menos preconceitos, se veem obrigadas a seguir os estereótipos para que consigam recursos – ainda que pouco ou quase nenhum – e investimentos que lhes ajudem a continuar praticando o esporte. Isto é, mesmo que homens e mulheres necessitem ter carisma e personalidade para assinar contratos de propaganda, as mulheres ainda precisam atender aos padrões estéticos estipulados pela sociedade e, deste modo, se mostrarem sexualmente atrativas, pois o objetivo neste caso é vender e só se vende aquilo que é socialmente aceito.

Importa aqui ressaltar que não é apenas dentro dos campos e das quadras que as mulheres não recebem o reconhecimento merecido. Até os dias atuais ainda existe uma forte ausência de mulheres ocupando cargos de presidência e direção de clubes esportivos e, mesmo aquelas que se inseriram, sofrem diversos ataques, seja por parte dos torcedores, quanto dos demais dirigentes e da mídia. A eleição de Marlene Matheus como presidente do Corinthians (time paulista da Série A do Campeonato Brasileiro de futebol) gerou inúmeras especulações neste sentido. Na época, Marlene era esposa do renomado presidente Vicente Matheus e, após ser eleita, foi questionada se o verdadeiro dirigente do clube seria ela mesma ou se o marido estaria comandando o clube por trás de sua

presença. Outro caso conhecido foi o caso de Patrícia Amorim, vereadora do Rio de Janeiro em 2009, que se consagrou a primeira mulher a tornar-se presidente do Clube de Regatas do Flamengo (clube de maior torcida de futebol do Brasil). Vencendo de outros quatro candidatos homens, Patrícia foi obrigada a ver lançar uma enquete sobre sua capacidade de dirigir um clube com o tamanho do Flamengo. Independente do cargo que essas mulheres ocupem no ambiente esportivo, sempre haverá um movimento para promover a desvalorização e menosprezo contra elas. Sua presença não é aceita nem dentro das quadras e campos, não seria no cargo mais alto dos clubes que elas poderiam se afirmar.

Ganham menos, não tem prestígio, a maioria dos treinadores da seleção feminina não é de mulheres, mas é de homem, e isso mostra outro preconceito. “Vocês até podem jogar, mas quem tem que mandar, dirigir, controlar e planejar, é o homem”. Como se a mulher não soubesse. (MURAD, 2018, p 406)

Além disso, as diferenças de tratamento estão sempre presentes e constituem um obstáculo para essas atletas, até mesmo no início de suas aparições no esporte. Ana Beatriz, melhor goleira de Beach soccer, conta um pouco durante entrevista sobre sua história no futebol. Foi desde muito nova apoiada e incentivada pelo pai, abordando as diferenças de tratamento que precisou enfrentar para tornar-se jogadora. Pelo fato de não conseguir fazer aula de futsal na escola, devido a seu horário de aula, seu pai abriu uma escolinha de futebol feminino, que acabou reunindo todas as meninas do bairro, chegando ao ponto de haver “uma época em que a escolinha tinha umas 40 meninas”. Conta que, no início, dividiam a quadra com meninos muito mais novos e, com o passar do tempo e aumento da procura, conseguiram um horário só para elas. Revela ter começado a jogar pelo Vasco da Gama, quando tinha 13 anos, e conhecia meninos da mesma idade que já tinham empresários, casa própria perto do centro de treinamento e todo o apoio necessário. Enquanto isso, algumas meninas que vinham de fora do Rio de Janeiro precisavam alugar casa com o próprio dinheiro e depender dos pais para se sustentar, “sendo que era um sonho igual do masculino e não tinham suporte nenhum.”

Então no começo tinha dias que ficávamos largadas, não tínhamos direito nem de almoço. Era como se eles emprestassem as camisas pra gente jogar e ‘se vira’, era essa a sensação. (PAREDES RIBEIRO, 2020, pergunta 6/15)

Não restam dúvidas que o futebol é o esporte de paixão nacional no Brasil, visto que os demais ganham destaque apenas quando possuem campeões em nível internacional, sendo que mesmo assim essa visibilidade dura pouco tempo. Entretanto, pode-se afirmar que no país há uma política esportiva muito desigual e quase nada democrática, visto que há um enorme abismo entre a prática de mulheres e homens, seja na questão da visibilidade já discutida quanto do ponto de vista financeiro. No Brasil, grande parte dos mais altos salários são destinados a jogadores de futebol, enquanto as mulheres ainda ocupam um status de amadoras, muito por não existirem clubes estruturados ou apoios significativos e investimentos governamentais.



A grande maioria das jogadoras vive de ajudas de custo (sem salário ou carteira assinada) e as equipes brasileiras têm custeado seus gastos mediante parcerias com prefeituras (que podem ou não ser renovadas a cada mandato eleitoral, possivelmente comprometendo a continuidade de trabalhos iniciados). (SAMUEL KESSLER, 2012, p 242).

De acordo com Ana Beatriz, o maior salário feminino de 2019 era o da Marinha – em parceria do Clube de Regatas do Flamengo – onde as atletas (que precisavam ser marinheiras) recebiam 5 mil reais mensais para jogar profissionalmente, enquanto jovens jogadores da base dos clubes deviam ganhar pelo menos o triplo. Além disso, conta também sobre sua experiência no Beach soccer, onde recebeu 500 dólares para passar uma semana na Turquia competindo a Liga Mundial enquanto os atletas do time masculino receberam 10 mil dólares pela mesma competição, afirmando que é “claro que não é ruim, você vai para outro lugar, conhece outras pessoas, outras culturas, faz o que você ama, mas [...] tem muita diferença.” (PAREDES RIBEIRO, 2020, pergunta 9/15).

A fim de ilustrar ainda mais essas diferenças salariais, foi realizada uma rápida pesquisa de dados estatísticos acerca dos valores recebidos por renomadas atletas femininas e atletas masculinos.

Segundo dados da revista francesa *France Football*, em matéria de junho de 2019, Ada Hegerberg, que foi eleita a melhor jogadora de futebol feminino do mundo no ano de 2018, recebe 325 vezes menos do que Lionel Messi, astro argentino que também possui o título de melhor jogador do mundo. Trazendo para a realidade brasileira, Marta e Neymar são os principais jogadores do país na atualidade. Ela que atua pelo Orlando Pride (EUA) recebe 340.000 euros por ano (equivalente a 1,47 milhão de reais), o que não é nada comparado ao jovem jogador do Paris Saint German (FRA) que recebe cerca de 91,5 milhões de euros (396 milhões de reais). Vale destacar que Marta já foi eleita a melhor jogadora do mundo seis vezes sendo cinco delas de forma consecutiva, enquanto Neymar não possui grandes prêmios individuais em escala internacional. E o cenário fica ainda pior. De acordo com o levantamento da mesma revista francesa sobre os maiores salários do futebol mundial – considerando homens e mulheres – se somados os cinco maiores salários anuais femininos do mundo o valor fica vinte e sete vezes atrás do de um único jogador masculino, Neymar, sendo a diferença de 1,79 milhões de euros das mulheres (R\$ 7,7 milhões de reais) contra 91,5 milhões de euros (R\$ 397,1 milhões de reais) de Neymar. Na tentativa de apontar tamanha discrepância entre os valores, seguimos na mesma comparação entre estes atletas de gêneros diferentes, agora considerando também seus rendimentos. Em 2016, Marta, que recebia em torno de 400.000 euros anuais, tinha 103 gols pela seleção brasileira, resultando em aproximadamente 3,9 mil euros por gol (R\$ 12 mil reais). Já Neymar com um salário de 14,5 milhões de euros na época tinha apenas 50 gols pela seleção, sendo cada gol a 290 mil euros (R\$ 900 mil reais).

Apesar dessas diferenças gritantes entre homens e mulheres no futebol serem inadmissíveis e deixarem muitas pessoas inconformadas, é necessário ressaltar que a comparação é injusta e conduz a resultados superficiais. O preconceito de gênero no mercado de trabalho brasileiro existe e, muitas mulheres até com mais escolaridade que homens, só conseguem receber no máximo 80% do salário dos homens. Machismo não é uma questão de opinião ou ponto de vista, ele existe e é algo a ser combatido, entretanto, ele não é o único vilão por trás dessa discrepância na remuneração entre os gêneros no futebol.

Com o intuito de deixar os fatos mais claros para todos, usaremos aqui o exemplo de Lionel Messi, jogador do Barcelona. O clube catalão é um dos maiores clubes de futebol do mundo e, com isso, acumula milhões de torcedores fanáticos espalhados por todos os países. Diante de tamanha popularidade, o Barcelona vende muitos produtos e serviços, além de vender os direitos de transmissão de suas partidas por preços altíssimos, recebendo diversas propostas de patrocinadores e arrecadando lucros com a comercialização de ingressos nos estádios. Sendo assim, Messi não ganha 325 vezes a mais que a melhor jogadora feminina do mundo porque o Barcelona é machista, e sim porque possuem um faturamento de mais de 914 milhões de euros. Nesse momento vale voltar à experiência do futebol feminino. Os clubes femininos em geral não vendem seus direitos de transmissão, assim como não possuem muitas ofertas de patrocinadores ou sequer arrecadam lucros por seus ingressos dos jogos. Dessa maneira, mais importante do que apontar e discutir as diferenças salariais entre os atletas é procurar uma maneira de retirar o futebol feminino do círculo vicioso no qual não há investimento porque não há público e não há público porque não há investimento. Ainda, para dificultar o desenvolvimento, existe a questão do tempo de existência. O futebol feminino era proibido até 1979, fazendo com que a modalidade masculina esteja mais de um século a frente na história. Se até pouco tempo não era nem permitido às atletas jogar, como hoje em dia poderiam existir muitos investimentos em suas carreiras e até mesmo uma indústria consolidada por trás do esporte?

O futebol feminino precisa de calendário e competições estáveis para se planejar, precisa de transmissões via streaming para encontrar e cativar seu público, precisa de pessoas capacitadas para transformar a presença deste público em dinheiro. Campanhas publicitárias e virais nas redes sociais só conseguirão deixar algum legado se houver clareza no diagnóstico e propósito na demanda. (CAPELO, 2019, n.p)

Apesar da lenta evolução, essa modalidade, para mulheres, continua em um constante crescimento. A FIFA tem dado estímulos para a estruturação do futebol feminino, como a obrigatoriedade de existir times femininos nos clubes da série A, que participem de torneios nacionais e internacionais organizados pela entidade, com financiamento de campeonatos mais estruturados e investimentos como a própria

premiação da Copa do Mundo feminina de 2019 (na França), que mais que dobrou seu valor em relação a edição anterior. O resto do trabalho depende agora dos próprios clubes, de grandes empresas, de emissoras e de patrocinadores para que o esporte continue crescendo e, quem sabe um dia, consiga se auto sustentar e gerar lucros ao invés de ser apenas mais um investimento sem retorno financeiro.

Vale enfatizar que no presente trabalho não há nenhuma intenção de acabar com as diferenças entre os sexos, até porque a humanidade se baseia na diversidade – seja física, biológica, social e cultural – e nas comparações entre eles. O apelo se resume ao respeito e enaltecimento dessas diferenças, procurando sempre engrandecê-las ao invés de menosprezá-las, visto que podem resultar em preconceitos, discriminações e até mesmo perseguições em distintos âmbitos da sociedade e incluindo no esporte.

Acho que as pessoas que não valorizam o futebol e falam que é chato ou lento não sabem a metade do que a gente passa para estar ali. Eles olham pela televisão um jogo em um milhão e não sabem o que é ficar longe da família, sentir saudade, tem umas jogadoras que já são mães e precisam ficar longe dos filhos, acho que para a gente julgar, temos que saber o que existe por trás. Por que é lento? Por que você acha lento? Realmente é diferente, mas por outro lado os homens caem logo por qualquer pancada e a mulher levanta e continua. São coisas que fazem diferença, então pode até ser mais lento, mas tem muito mais raça e muito mais vontade. E eu falo muito isso, a brincadeira do menino desde sempre é correr de um lado para o outro enquanto a menina brinca de cozinha, então ele já está mais acostumado, mais ágil, tem outra dinâmica, e para a menina é diferente, é uma ou outra que vai estar no meio deles. Culturalmente o futebol feminino não é um esporte no Brasil, porque lá nos EUA é um esporte fortíssimo, já que quando criancinhas tem um monte de menina chutando bola e um ou dois meninos no meio. (PAREDES RIBEIRO, 2020, pergunta 15/15)

### **2.3) Fisiologia como justificativa**

Não podemos negar que existem esportes que exigem movimentos e habilidades menos intensas do que outros, isto é, alguns esportes – como ginástica, dança, nado sincronizado – dependem de gestos mais sutis e delicados, enquanto outros – como voleibol, futebol americano e algumas lutas – recaem mais para o lado da força e da agressividade. O problema não é, e nunca foi, assumir isso. A questão principal é pensar o momento em que a sociedade associou essas características a determinado gênero e, por sua vez, sentenciar quais atletas poderiam ou seriam compatíveis com cada uma das modalidades, tendo em vista suas funções biológicas. Só por que uma mulher não tem tanta força física quanto um homem significa que seja incapaz de chutar (bem) uma bola?

É impossível pensar sobre a figura da mulher sem refletir naquilo que a sociedade atrelou como ideal deste sexo, isto é, beleza, delicadeza, sensualidade, feminilidade e maternidade. Por mais que cada mulher seja diferente, por religião, etnia, sentimentos, necessidades, desejos e formas de encarar o mundo, esse ideal de comportamento da

figura feminina é pouco contestado, tornando-se uma norma a ser seguida de uma naturalização de como se portar.

No passado a função da mulher era resumida as tarefas de casa e o cuidado com a família, enquanto os homens eram responsáveis pelo trabalho pesado, como da caça e proteção. Juntamente a essa divisão de tarefas foi criado, quase que naturalmente, o estereotipo da mulher dona do lar, sendo consideradas como características de representação da feminilidade a fragilidade, encanto, sedução, beleza, harmonia, delicadeza e recato. Aos poucos, e com muita luta, esse mito do sexo frágil foi perdendo espaço e essas mulheres conquistaram o direito de exercerem outras funções, entrando assim no mercado de trabalho, sem, contudo, se livrarem dos estereótipos.

A inserção das mulheres no futebol, como dito no primeiro capítulo, foi demorada e conturbada por proibições e preconceitos. A ideia de que uma mulher pudesse praticar um esporte criado e dominado por homens era algo inadmissível, já que o futebol sempre foi visto como naturalmente masculino, onde força e resistência eram habilidades indispensáveis. Para proibir sua prática, as pessoas se pautavam em argumentos de base científica, da época, os quais afirmavam que os esportes não compatíveis com a natureza feminina poderiam prejudicar a saúde da mulher, além de comprometer sua função reprodutiva (considerada a grande “missão” da mulher na sociedade).

A atribuição da função reprodutiva à figura da mulher acabou por reforçar um olhar hierarquizado que aumentou ainda mais o abismo de diferenças entre homens e mulheres, acabando por inferiorizá-las ainda mais. As recomendações e críticas sobre a prática do esporte ser prejudicial à saúde e à preservação da maternidade sempre é colocado em evidencia, mas jamais é cogitada quando se trata da figura masculina.

Como se os esportes não pudessem, também, ocasionar danos à sua genitália dificultando que os espermatozoides sejam produzidos e façam o correto caminho da concepção, prejudicando a sua [...] paternidade. (VILODRE GOELLNER, 1999, p 41)

Era tão difícil de entender ou até mesmo aceitar que mulheres pudessem fazer parte desse universo que eram exigidos exames biológicos em algumas atletas para comprovar a presença de elementos femininos, já que estariam praticando um esporte de homens, perdendo assim suas características delicadas e frágeis. Um caso muito famoso foi o da jogadora de voleibol Érika que, quando tinha apenas 17 anos, foi submetida a exames laboratoriais e ameaçada de ser expulsa da Liga Nacional por haverem indícios de masculinidade. Esta jogadora constituía um fortíssimo ataque, tendo tanta potência com a bola que fazia com que muitos duvidassem de sua feminilidade, pois apenas um homem poderia ter tamanha força física. A atleta foi aconselhada a deixar o cabelo crescer, se arrumar mais e usar maquiagem para seguir os padrões. Há relatos de que, forçada a atender essa ressignificação corporal, a atleta sofreu grande dano psicológico, permanecendo até mesmo algumas semanas sem treinar. Além de Érika, Ana Beatriz

sofre, ainda nos dias de hoje, argumentos deste tipo menosprezando sua presença nos campos:

Eu ainda ouço muito, por parte de amigos e conhecidos do meu pai, de virem falar comigo que deveriam diminuir o gol e o tamanho do campo porque a gente não corre tanto e as goleiras são menores e assim não tomaríamos tanto gol de cobertura. Mas isso é uma questão relativa, até porque existe também a opção de fazer gol de cobertura até no masculino, então porque no feminino ia mudar? Já ouvi também que tem que mudar a bola porque é muito pesada para mulheres. (PAREDES RIBEIRO, 2020, pergunta 8/15)

Ainda que essa base científica fosse utilizada como respaldo para qualquer presença da mulher no mundo do futebol, pode-se dizer que é bastante confusa, já que para “para ser bela, há que fazer exercício físico, pois beleza exige movimento. Exige um corpo em movimento.” (VILODRE GOELLNER, 1999, p 40). Ou seja, argumentavam que mulheres fazerem exercícios físicos era maléfico para sua saúde, principalmente para se ter uma boa gravidez, entretanto só é possível se tiver um corpo saudável, e para isso é imprescindível a prática de atividade física, pois caso contrário se pode comprometer alguma função biológica do corpo. O ponto é que, de fato o objetivo sempre foi criar algum argumento que afastasse a mulher do que “não é de sua natureza” e, portanto, daquilo que “a afasta do que a engrandece” e do que “a aproxima de seu oposto”. Visto isso, incentivavam práticas de esportes considerados leves e compatíveis com suas limitações, pois, aqueles que exigiam uma maior intensidade e força física, as tornariam masculinizadas e “olhada assim, se uma mulher não parece ser uma mulher é porque é um homem” (VILODRE GOELLNER, 1999, p 42).

Para conduzir uma gravidez sadia são prescritas atividades físicas porque são importantes para a construção de um organismo forte. No entanto, a densidade desse ser “forte” é tolerada até o ponto em que não ultrapassa aqueles limites ditados por sua natureza. Forte sim, mas sem deixar de ser frágil; sem invadir territórios que são construídos e vivenciados a partir de olhares e parâmetros próprios dos corpos masculinos. Pois, uma vez rompidas as fronteiras entre o permitido e o proibido, o próprio discurso das diferenças naturais como demarcadoras de talentos e funções pode estar sendo profundamente ameaçado. (VILODRE GOELLNER, 1999, p 41)

É importante destacar que esses argumentos utilizados para defender a ideia de que o homem é mais forte do que a mulher e, por conta disso, mais adequado ao esporte, só levam em consideração um tipo de força: a força física. Se pararmos para pensar que as mulheres suportam as dores menstruais mensais, problemas da gestação e dores do parto, elas são mais fortes psicologicamente do que os homens. No caso do futebol, por exemplo, sabe-se que o fator psicológico é tão importante quanto (se não for mais) o fator físico dos atletas, visto que se reúnem para uma preleção antes dos jogos, recebem instruções dos treinadores nos intervalos e realizam a famosa “concentração” dias antes de jogos importantes. Mesmo que tudo isso não seja nenhuma novidade, a performance física costuma ser mais exaltada do que a mental, resultando novamente na ideia do

homem como mais forte e mais bem preparado do que a mulher.

Para finalizar, será destacado a seguir um trecho da entrevista de Mauricio Murad<sup>7</sup> – doutor em sociologia do esporte e um dos principais pensadores do meio esportivo – concedida a Isabella Trindade<sup>8</sup> para a Revista Mosaico da FGV (Fundação Getúlio Vargas), onde expressa sua opinião sobre o futebol feminino destacando os argumentos que envolvem a fisiologia da mulher, como base para tanto preconceito e, com isso, resumindo com perfeição tudo aquilo que foi debatido nesse capítulo.

Por que mulheres não podem jogar futebol? Por que não? Futebol é um jogo. Já me disseram o seguinte “não, porque uma bolada no seio é um problema”. Sim, uma bolada no seio é um problema, eu não posso negar isso. Mas eu posso argumentar. Ainda podemos argumentar, né? Ou está proibido? (risos). Dois contra-argumentos: primeiro, a indústria do material esportivo hoje tem protetores de seio que fazem com que a bola não atinja diretamente a anatomia do corpo, do seio propriamente dito. Segundo: uma bolada no seio no futebol é um erro. Pode ser até punido com cartão amarelo, se o árbitro perceber que você chutou intencionalmente. E se você não chutou intencional, a bola não tem que bater no adversário, tem que passar pelo adversário, ultrapassá-lo, como no drible. Então, jogar a bola em alguém no futebol é um erro, não faz parte do jogo. Agora, por que o voleibol é tido, hoje nem tanto, mas era tido, como um “esporte feminino”? Quando eu era garoto, homem jogava bola e mulher jogava vôlei. Se a bolada, a cortada, no peito é muito mais forte, e no voleibol não é um erro, faz parte da lógica do jogo. É a lógica do jogo, justamente a cortada muito forte em cima do adversário, contra ele, para evitar que consiga defender. Mesmo se você defender, mas se a bola resvalar e escapular, pela força, pela contundência da cortada, o ponto é conquistado. E aí a chance de acertar no seio - e contundir, claro- é muito grande. E, no entanto, era tido como uma modalidade tipicamente feminina. Então isso mostra o seguinte - o preconceito cega as pessoas. Por que uma coisa óbvia, evidentíssima, como essa comparação, não era vista? [...] Ninguém via. Ou, pelo menos, se via, ninguém falava. Por que mulheres não podem jogar futebol? Qual o fundamento dessa narrativa? [...] Tem jogadoras que jogam muito bem, com uma leveza e visão de jogo de chamar atenção. Poderiam desenvolver? Poderiam. Mas à medida em que vão crescendo, a própria família cria obstáculos, o namoradinho, o colega, o irmão, de que “isso não é coisa para mulher”,

---

<sup>7</sup> Mauricio Murad é doutor em Sociologia do Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal, com co-orientação do INEF de La Coruña, Espanha. Atualmente é Professor Adjunto (aposentado) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), professor e pesquisador de Sociologia dos Esportes do programa de pós-graduação da Universidade Salgado de Oliveira (Univero) e Colaborador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Atualmente coordena dois projetos de pesquisa. Atua na área de Sociologia, com ênfase em Cultura, Sociedade, Futebol e Violência. Em suas atividades profissionais já interagiu com nove colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos, no Brasil e no exterior.

<sup>8</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) – CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil. Professora IFRJ – EPF.

“isso é coisa pra sapata”, “não sei o que”, “sai dessa”. Elas acabam tendo o seu desejo reprimido. Então eu acho que o futebol feminino é um campo muito bom, muito interessante de pesquisa para você entender o que é o futebol, mais do que um esporte, mas como expressão sociológica da vida brasileira. (MURAD, 2018, p 406-407)

### **3) Mídia: o veículo (im)parcial**

Sabendo que a mídia tem um papel fundamental na formação e desenvolvimento de atletas, seja por uma maior exposição gerar maior visibilidade e atrair patrocínios e recursos ou até mesmo impactar e estimular crianças e jovens a seguir o caminho do esporte, é de suma importância analisar as relações entre a mídia esportiva e esses atletas, principalmente atletas mulheres.

A mídia influencia diferentes campos da humanidade e, mesmo que de forma não intencional, as pessoas acabam considerando o que é divulgado como uma verdade absoluta. Ao produzir diversos tipos de imagem – sejam elas fotografias, anedotas, desenhos e textos – a mídia fortalece o imaginário social coletivo, isto é, as representações que a sociedade faz em relação a determinados assuntos, eventos ou pessoas, criando ideias generalizadas que acabam tornando-se estereótipos que nem sempre condizem com a realidade.

Atualmente seria irreal afirmar que a mídia funciona como uma única voz harmônica. Suas principais funções são informar e entreter, porém, isto não a isola da realidade da sociedade que está inserida e muito menos da maneira de pensar da mesma, fazendo com que esteja sempre influenciada, e influenciando, pelos seus desdobramentos e ideais e cabe ao jornalista tentar levar para a casa das pessoas o que tem de mais próximo da realidade dos fatos.

#### **3.1) Mídia esportiva: formação e manipulação de opinião**

A mídia e o esporte são interdependentes, e é consenso que um é indispensável para o outro, isto é, o esporte vende a mídia e a mídia vende o esporte. (SOUZA, J.; KNIJNIK, J., 2007, p 38)

Todos os esportes transmitidos pela mídia, seja ela televisão, rádios e jornais, tornam-se um grande espetáculo de massa, revelando ser o panorama perfeito para que padrões, estereótipos e tradições culturais sejam propagados e reafirmados, principalmente na temática do gênero. Seu objetivo é propagar toda e qualquer notícia esportiva para o maior número de pessoas possível, fazendo com que patrocinadores e investidores disputem lugares nas arenas e estádios que serão transmitidos em canal aberto ou fechado. O importante é marcar presença nos grandes “shows” do esporte.

Como dito anteriormente, a presença das mulheres no mundo esportivo, principalmente no futebol não foi algo visto com bons olhos. Por volta dos anos de 1980 e 1990, a estratégia utilizada pela mídia para tratar dessas atletas no intuito de suavizar o

estranhamento e atrair seus consumidores – visto que sua participação nos esportes já era legalmente permitida – era afastá-las da imagem masculinizada associando-as a figura de musas esportivas, ressaltando sua feminilidade acima de tudo, passando assim a simbolizar um ideal de beleza física da mulher. Diante dessa estratégia, um novo perfil de atleta passou a ser criado no Brasil, fazendo com que mulheres mais bonitas e charmosas tivessem mais espaço e credibilidade do que aquelas que se aproximavam das características masculinas (como cabelos curtos e pouco uso de maquiagem), o que implicou diretamente na valorização da aparência sob a técnica e habilidade dessas jogadoras, gerando uma desconfiança ainda maior sobre as reais habilidades femininas no futebol. Portanto, além de estereotipar ainda mais o futebol como esporte para homens, a mídia também acaba definindo alguns esportes como “ideais” para serem praticados apenas por mulheres, que é o caso das ginásticas, ballet, jazz e até o nado sincronizado.

A cobertura para as atletas de esportes tradicionalmente masculinos (basquetebol, hóquei e futebol) frequentemente enfatizavam fatos irrelevantes ao invés de sua performance atlética; era comum a comparação entre as atletas e os homens da mesma modalidade. Isso representa claramente um dos métodos que a mídia utiliza para desvalorizar a performance dessas atletas. Na cobertura dos esportes tradicionalmente femininos (ginástica olímpica e softbol), havia uma tendência a enfatizar a performance das atletas, descrevendo detalhes das apresentações das ginastas. (KNIJNIK, SOUZA, 2004, p 11)

Com isso, no mundo esportivo feminino, ou você se enquadra no estereótipo de beleza feminina e tem suas habilidades técnicas postas em segundo plano ou você se mostra atlética e fisicamente forte e é estigmatizada e comparada a homens da mesma modalidade e categoria, sendo considerada tecnicamente inferior. Independentemente de suas características e forma de comportamento, a mídia e a sociedade sempre arrumarão uma maneira de enquadrar um estereótipo no intuito de desvalorizar a performance esportiva, até porque, mulheres serem tão boas ou até melhores que os homens em esportes ditos masculinos e viris nunca foi uma opção.

Ao invés de funcionar apenas como um mecanismo de mudanças, a mídia acaba perpetuando uma ideologia de gênero já muito forte na sociedade e entre os amantes do esporte. Mesmo quando não estão destacando a sexualidade, ainda assim não abordam a performance das atletas, pelo contrário, passam a enfatizar o fato de serem esposas e/ou mães, ou apenas destacam suas fraquezas. Em jogos masculinos os comentaristas esportivos enfatizam a força e garra dos jogadores, enquanto nas modalidades femininas são sempre salientados os motivos pelo qual o time fracassou, nunca porque o outro time obteve o triunfo e, mesmo quando uma atleta consegue sair vitoriosa, sempre há um fato negativo a ser pontuado em sua atuação, como está destacado a seguir em algumas passagens de jornais da época.

A norte-americana derrotou ontem a compatriota Jennifer Capriati, por 4/6, 6/4 e 6/1, para vencer pela segunda vez consecutiva o torneio. Foi a sétima vitória seguida da atual número um do mundo sobre Capriati. Apesar da vitória, Serena não exibiu



sua fluidez e cometeu 42 erros não-forçados no jogo de ontem. (Folha de São Paulo, 30 março 2003, p.D7) (KNIJNIK, SOUZA, 2004, p 14)

Das 1620 candidatas, foram aprovadas 360, com idade entre 16 e 23 anos. Várias delas devem atrair a atenção dos torcedores por seus atributos, como a modelo Talita Cassiano, meia do São Paulo, e a estudante de educação física Joice Hagar Vaz, volante do Palmeiras. Até dezembro receberão salários, alimentação e o direito de frequentar de graça cabeleireiro, manicure e depilador. (Veja SP, 10 outubro 2001, p.30) (KNIJNIK; SOUZA, 2004, p 15)

No intuito de entendermos melhor essa diferença de tratamento de gênero por parte dos meios de comunicação, foram utilizadas análises das reportagens publicadas sobre os Jogos Olímpicos de Pequim de 2008 pelo jornal Folha de São Paulo (DE CARVALHO FERRETTI; PASCOTI ZUZZU; EDWIGES DOS SANTOS; MORALES VILHA JUNIOR, 2011), onde foram feitas comparações qualitativas e quantitativas sobre o futebol levando em consideração a quantidade de palavras, tamanho das fotos e até mesmo conteúdo entre os gêneros no decorrer do evento. Os resultados quantitativos mostram uma superioridade de palavras nas matérias referentes aos homens, sendo 52,1% contra 40,9% das mulheres e 7% onde ambos eram mencionados. Enquanto isso, as mulheres vencem nos resultados das imagens, sendo 47,9% contra 46,9% dos homens e 5,2% de ambos. Isso mostra que, enquanto a mídia pontua e comenta diversos fatos sobre os homens atletas, com as mulheres as palavras ficam em segundo plano, sendo priorizado sua imagem – valorizando a beleza e sexualidade – ao invés de abordar questões técnicas e táticas dos jogos.

O fato é que a sociedade não considera o futebol feminino atrativo ou interessante e, com isso, a mídia acaba procurando formas de mencionar essas atletas de maneira a entreter seu consumidor. Assim sendo, acontecimentos como uma treinadora que orienta e motiva suas atletas por meio do canto, cores de cabelo e unhas, penteados das jogadoras e até mesmo suas famílias ganham maior destaque. Em convocações de seleções ou times para participarem de grandes competições é de praxe priorizar questões como o refinamento técnico, habilidade, performance atlética e o condicionamento físico, entretanto, com as mulheres isso nem sempre é seguido, já que algumas atletas são selecionadas em função de suas relações pessoais com outros homens (sejam eles jogadores importantes ou figuras esportivas conhecidas) ou até mesmo posição social a qual fazem parte. A atleta Ana Beatriz Ribeiro, em entrevista, comentou sobre um caso que viveu onde uma menina, mesmo sem corresponder ao nível técnico da equipe, foi levada para uma competição universitária só por ser namorada do treinador, ocupando a vaga de outra atleta e prejudicando o grupo durante uma partida. Outro famoso caso foi o da jogadora de futebol Milene, que segundo Ludmilla Mourão, foi convocada para a seleção brasileira por ser casada com o jogador Ronaldinho, mesmo sendo tecnicamente uma jogadora abaixo do que as demais concorrentes a vaga. O foco em questão é que a figura feminina deve estar sempre atrelada a uma figura masculina para ganhar importância e visibilidade, seja no campo social ou esportivo.

No entanto, cabe ressaltar que a situação do Futebol Feminino é tão grave que ele

ganha mais com a participação da Milene do que perde sem os critérios seletivos aplicados à sua convocação. Pois esta jogadora, mesmo possuindo condições desfavoráveis tecnicamente, traz para a seleção feminina visibilidade e tráfico de influência pela condição que ocupa como mulher, na vida futebolística do país, por ser casada com uma celebridade. (MOURÃO, 2005, p 83)

Contudo, a luta não é apenas por uma igualdade no número de reportagens, e sim pela mudança na forma pela qual os meios de comunicação (e consequentemente a sociedade) lidam e encaram as mulheres no campo esportivo. Além da distinção da maneira como as informações referentes a esportes masculinos e femininos são abordados, existe também uma lacuna técnica na maneira pela qual são transmitidos. Tendo como exemplo as transmissões televisivas, os jogos masculinos possuem sempre um ar decisivo, dramático e de espetáculo, repletos de técnicas altamente profissionais, com vários ângulos de câmera e edições de áudio e vídeo sofisticadas. Já em partidas de mulheres, não é raro notar erros de edição, baixa qualidade de som e restritas angulações de câmera, podendo dessa forma influenciar os telespectadores a acreditar que as modalidades femininas são amadoras ou de menor qualidade.

As representações visuais (que é o caso das fotografias) também perpetuam esse estereótipo sexista da mulher – com exceção das atuais campanhas de empoderamento feminino no esporte. As fotografias para promoção de atletas nunca se mostram neutras, isto é, procuram sempre dar ênfase nas características mais fortes de cada um. No caso dos homens costumam ser em poses de poder, força e heroísmo, com ângulos de baixo para cima demonstrando grandeza e superioridade, enquanto a de mulheres dão ênfase nos quadris, glúteos, curvas e muitas vezes em ângulos de cima para baixo, colocando-as como menores, inferiores e submissas.



**(Figura 6)**

Gabigol posta foto com Bruno Henrique nas vésperas da final da Libertadores de 2019:

“Estamos prontos” – detalhe para angulação de câmera de baixo para cima

(Foto: Divulgação / Conmebol)



**(Figura 7)**

Andressinha, Cristiane e Fabi Simões no comercial de Guaraná Antarctica – detalhe para angulação de câmera de cima para baixo  
(Foto: Divulgação / Guaraná Antarctica)

Quanto a utilização de imagens para a erotização de atletas por meio de vestimentas, as jogadoras de futebol são menos afetadas. Em esportes como vôlei de praia e de quadra, tênis, atletismo e até provas como saltos a distância e com vara, as atletas costumam utilizar trajes curtos e apertados, que ressaltem seu corpo atlético, enquanto no futebol feminino o uniforme é semelhante ao usado pelos homens (salvo alguns pequenos ajustes de caimento que são muito bem-vindos, visto que a estrutura corporal feminina e masculina são bem distintas<sup>9</sup>). Muitas pessoas justificam que as roupas maiores e mais largas podem comprometer o rendimento das jogadoras, atrapalhando seus movimentos, argumento questionável já que o esporte é o mesmo praticado pelos homens e estes, por sua vez, não são atrapalhados por seus uniformes. A motivação para tal uso se baseia apenas visando o alto rendimento das atletas ou seria mais uma das várias estratégias para atrair público e investimento?

---

<sup>9</sup> A título de curiosidade, para a Copa do Mundo de 2019, na França, a seleção brasileira feminina de futebol ganhou, pela primeira vez na história, um uniforme exclusivo, elaborado pela empresa fornecedora Nike. Ao invés de ser uma simples reprodução dos trajes masculinos, o novo uniforme traz um padrão de textura similar, porém com ajustes de formato de gola, caimento e barra da manga. Outro detalhe interessante é o símbolo que vem dentro da camisa, trazendo o dizer de “Mulheres guerreiras do Brasil.”



**(Figura 8)**  
Uniforme da dupla brasileira de vôlei de praia Alison e Bruno  
(Foto: FIVB / Fotos Públicas)



**(Figura 9)**  
Uniforme da dupla brasileira de vôlei de praia Ágatha e Bárbara  
(Foto: Divulgação/CBV)

Além das questões de preconceito, reforço dos estereótipos no esporte e diferenças de abordagem e tratamento, não é só desse lado da televisão, rádios, jornais e revistas que as mulheres não possuem o respeito e reconhecimento merecido. A presença da figura feminina por trás da mídia esportiva, sejam jornalistas, repórteres, apresentadoras ou até comentaristas, é muito fraca ainda nos dias de hoje e até menosprezada em alguns momentos. Programas de televisão que falam sobre futebol costumam ter suas bancadas preenchidas majoritariamente por homens e em transmissões ao vivo não é raro os apresentadores desmerecerem os comentários de mulheres, através de piadas de duplo sentido que distorcem sua opinião, ainda que esta seja de extrema relevância para o assunto. A Repórter Gabriela Moreira, dos Canais Globo, conta em entrevista que demorou muito tempo para que seu trabalho fosse levado a sério e afirma que “o xingamento ao meu trabalho vem sempre ligado a algo sexual. Sempre me colocando como objeto sexual, negativamente”. Além disso, revela que suas perguntas em coletivas de imprensa eram respondidas sem que o entrevistado sequer olhasse para ela, como se não fosse capaz de entender sobre o assunto, buscando uma figura masculina pela qual pudessem usar como referência.

Quando você dialoga com alguém, você quer que a pessoa entenda o que você está dizendo. Quando os entrevistados, jogadores, técnicos, dirigentes, respondiam minhas perguntas (alguns, claro, não eram todos), eles não viam em mim cumplicidade de entendimento. Ou, não acreditavam que eu estivesse entendendo. Já vi muitas vezes isso ocorrer. Eu perguntar e o entrevistado responder para um colega homem, buscando cumplicidade. (MOREIRA, 2020, pergunta 5/7)

Gabriela trabalha com mídia esportiva desde 2012 e ficou muito conhecida quando questionou um torcedor palmeirense, que usava argumentos relativos ao homossexualismo em entrevista ao vivo. Revela que seu posicionamento gerou duas reações: muitas pessoas ficaram surpresas e foram parabeniza-la pela atitude enquanto outras afirmavam que a fala do torcedor causou tamanha indignação por ela não estar “acostumada ao mundo do futebol, onde isso é comum”. A repórter demonstra espanto

com ambas as reações, afirmando que “a que elogia, é bacana, mas aquilo era o óbvio a se fazer. Era o que eu tinha de fazer como repórter, como jornalista” e, responsabilizando-se pelo conteúdo que aquele entrevistado diz, completa “não posso levar preconceito para a casa das pessoas. [...] Diante disso, não tinha outro caminho a não ser dizer que ele estava errado.”<sup>10</sup> Em relação a parte que afirma que não estaria acostumada a isso, se indigna ainda mais, contando que frequenta estádios e jogos de futebol desde criança, além de jogar futebol na adolescência e questiona: “por que me consideram ‘fora do mundo do futebol’? Porque acham que eu entrei no mundo do futebol após ser repórter. É um preconceito na análise, uma constatação errada pelo fato de eu ser mulher.”

Mulheres que falam sobre futebol, trabalham com futebol, sofrem preconceito diariamente. E o meu caso não é diferente, [...] como faço muitas matérias de denúncia e aponto problemas em clubes e organizações, isso tende a se intensificar. Os ataques tendem a se intensificar. Na sociedade como um todo, a expectativa é que as mulheres sejam dóceis, simpáticas, fofas. No futebol também é assim. Minha intenção não é ser o contrário de doce, simpática e fofa, é simplesmente informar. E informação, muitas vezes, chateia. (MOREIRA, 2020, pergunta 3/7)

Atrelado a hierarquia masculina reforçada pelos meios de comunicação – seja pelo número de reportagens, jogos e debates – está o peso que colocam em cima dos atletas homens e a suavização para as mulheres. A seleção masculina tem como obrigação conquistar o primeiro lugar com louvor e honra, enquanto a seleção feminina fica em segundo plano, onde o primeiro lugar é apenas desejado, mas jamais exigido. Essa cobrança se dá pelo fato de o futebol ser considerado um espaço de homens, possuindo o dever social de se mostrarem superiores. Caso contrário, todo o preconceito e argumentos de que mulher não serve para jogar futebol fariam ainda menos sentido pois esta pressão é pouco fiel à realidade, visto que “a vitória é vista como uma alavanca para a situação delas, diferente dos homens que estão bem sucedidos” (FERRETTI; ZUZZU; DOS SANTOS; VILHA JUNIOR, 2011, p 125) e, por conta disso, parecem e talvez até tenham mais vontade, garra e raça. Ainda nos dias de hoje é comum durante brincadeiras, mesmo entre crianças e jovens, notar um esforço a mais para conquistar a vitória quando se tem a presença de alguma menina, além de ouvir incansavelmente a provocação de amigos com frases de “você perdeu para uma garota”.

É de se esperar que elas sejam tão competitivas quanto eles, ou até mais, pois na seleção masculina há jogadores com altos salários, enquanto que na feminina muitas estão lutando para sobreviver (...). (FERRETTI; PASCOTI; SANTOS; VILHA JUNIOR, 2011, p. 123)

Ainda que pesquisas e análises indiquem uma subvalorização da mídia com o futebol feminino e as demais modalidades praticadas por mulheres, esses resultados refletem uma cultura de hábitos brasileiros, um povo que já está acostumado a consumir produtos esportivos masculinos e, historicamente foi ensinado a rejeitar a prática e

---

<sup>10</sup> Gabriela Moreira afirma que a empresa pela qual trabalhava na época (ESPN Brasil) deu todo o apoio depois de tanta repercussão da entrevista com o torcedor, tanto no ar imediatamente quanto posteriormente também, além de ser homenageada pela sede da empresa, nos Estados Unidos, onde uma diretora de Igualdade da Disney ligou para parabenizá-la pela atitude.

envolvimento feminino no esporte.

“Eu acho que essa frase é brasileira”, pontuou muito bem Ana Beatriz ao ser questionada sobre o que pensa do dizer “futebol não é coisa de mulher”. O Brasil é conhecido mundialmente por ser o país do futebol, mas, como comprovar isso se é apenas a realidade dos homens? Para as mulheres não há transmissão televisiva nacional em horário nobre. Não fazem manchete divulgando o placar vencedor dos jogos. Não tem holofotes. Não discutem sobre as escalações. Não existem programas, comerciais ou propagandas. Associam a falta de visibilidade à falta de investimento, mas como é possível atrair investimentos se a mídia não fornece visibilidade? Como essas atletas poderão mostrar que podem, sim, jogar futebol sem ter a chance de serem vistas? Como atrair público se os próprios meios de comunicação não incentivam? Mesmo que o respeito com essas mulheres esteja melhorando a passos lentos, diante dos canais de TV, jornais, rádios, revistas entre outros, a grandeza parece continuar direcionada para os homens e, para as mulheres ficam reservadas apenas as notas de rodapé.

No Brasil eles não querem investir, ainda estão nessa de que não vai dar retorno, sendo que lá fora é outra cabeça, eles querem investir, eles gostam, eles apoiam, porque lá desde pequeninha a mulher está jogando e aqui existe uma barreira gigantesca com isso. E é difícil porque somos o país do futebol, como você fala isso sendo que na modalidade feminina não tem nada? (RIBEIRO, 2020, pergunta 4/15)

### **3.2) Propagandas e campanhas: uma visibilidade temporária**

É muito comum na mídia (seja impressa ou televisiva) a ausência de reportagens que abordem esportes femininos até que comece algum evento de grande porte mundial que englobe ambos os gêneros, como a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos. É importante pontuar que esse é um problema do Brasil pois, segundo a goleira Ana Beatriz, “é surreal como é diferente, porque lá fora eles têm a cultura de ver o jogo feminino, passa na televisão o tempo todo e aqui não, só passa uma vez ou outra”, quando questionada sobre a recepção dos jogos de futebol feminino no exterior.

As pessoas queriam ver. A gente colocou um papel no hotel dizendo que ia ter o nosso jogo e foi surreal porque estava sempre cheio. Tinham vezes que o jogo o feminino estava mais cheio do que o dos homens. Todos torcendo, querendo ver jogo, se interessando. (RIBEIRO, 2020, pergunta 5/15)

Durante esses grandes eventos, a aparição de mulheres nas matérias pode aumentar em até 2.000%. Uma análise, feita por Knijnik e Souza em 2007 (FERRETTI; et al 2011) com 2.125 reportagens dos cadernos de esporte do mesmo jornal revela que no final de 2002 (período que ocorreram importantes eventos esportivos femininos) 85% das reportagens eram sobre homens e apenas 11,5% sobre mulheres, diferença que fica ainda maior no início de 2003 tornando-se 88% sobre homens e apenas 4% sobre mulheres.

As diferenças de valores que são encontradas em análises durante grandes eventos

e fora deles indicam que são neles que as mulheres conseguem conquistar algum espaço na mídia, mas ainda assim perdem para os homens que retomam sua hegemonia com o fim das grandes competições, isto é, por mais que exista várias notícias sobre a seleção feminina brasileira durante a Copa do Mundo, a seleção masculina sempre será priorizada ou mais enfatizada, seja por meio da quantidade de reportagens, por preencherem a página de capa de jornais e revistas ou dominarem as aberturas de programas esportivos. A aparição do futebol feminino apenas nesses eventos acaba transmitindo uma falsa impressão de que essas jogadoras só existem durante esse período, tudo isso devido à falta de informações sobre torneios, competições nacionais, lesões de jogadoras e até mesmo transação entre clubes, notícias essas que circulam diariamente sobre a modalidade masculina. A sensação gerada é de que se Neymar pegar um resfriado o mundo ficará sabendo, mas se Cristiane sofre uma lesão muscular durante um treino...

De acordo com Mourão e Morel (2005) o futebol feminino nas mídias passa por efeito “sanfona”, porque após ganhar destaque na mídia ela sofre retração. (FERRETTI et al 2011, p. 120)

Ainda que seja do conhecimento de todos que a aparição nos veículos de comunicação represente talvez a única chance de algumas jogadoras atraírem mais investimentos e de outras realizarem seus sonhos, existe claramente um boicote midiático a essas atletas. A Copa do Mundo de 2019, que aconteceu na França, foi a primeira a ser transmitida no Brasil e, após muita comemoração e empolgação veio a indignação. Diversas pessoas, entre torcedores e torcedoras, mobilizaram-se para assistir aos jogos e não conseguiram. Partidas envolvendo seleções de outros países constavam na programação de canais, mas quando iniciava o horário do jogo o que era transmitido eram esportes masculinos, no caso, Fórmula 1.

Apesar do duro cenário nos meios de comunicação e da árdua realidade dessas atletas, suas incansáveis tentativas de conquista de espaço, voz, respeito e reconhecimento não parece ter sido em vão. Com o passar do tempo, diversas campanhas e propagandas surgem, feitas por grandes empresas, com a temática do empoderamento feminino, destacando o futebol feminino e atletas renomadas de outros esportes, enfatizando finalmente suas características de determinação, força, raça, garra e desejo de realizar seus sonhos acima das características físicas e atributos de beleza e sexualidade previamente estipulados. Mesmo que muitas delas tenham sido produzidas em época de competições internacionais de peso, o importante é que foram devidamente divulgadas e acabaram tornando-se conhecidas, alcançando e impactando milhares de pessoas em todas as partes do mundo.

A primeira e talvez uma das mais famosas campanhas de empoderamento feminino dos últimos anos, foi a “Dream Crazier” (“sonhe loucamente” em português) realizada pela empresa esportiva Nike. No vídeo, que dura cerca de um minuto e trinta segundos, Serena Williams (norte-americana considerada uma das maiores tenistas de todos os tempos) narra de forma impactante um vídeo repleto de imagens de atletas de diferentes esportes, a maioria deles considerados esportes masculinos. O objetivo do

comercial é romper com barreiras machistas e relatar como as mulheres são taxadas de loucas por correrem atrás de seus sonhos, através da frase “só é loucura até ser feito. Apenas faça”, que encerra o vídeo. O texto a seguir, narrado pela tenista, é uma mensagem clara para todas as mulheres que lutam por igualdade nos dias de hoje, para que não desistam nunca de seus sonhos, independente do que falem sobre você.

Se mostramos emoção, somos chamadas de dramáticas.  
 Se queremos jogar contra homens, somos doidas.  
 E se sonhamos com oportunidades iguais, delirante.  
 Quando defendemos algo, somos desequilibradas.  
 Quando somos boas demais, tem alguma coisa errada com a gente.  
 E se ficamos bravas... somos histéricas, irracionais ou apenas loucas.  
 Mas uma mulher correndo uma maratona era loucura.  
 Uma mulher lutando boxe era loucura.  
 Uma mulher fazendo uma enterrada, loucura.  
 Treinadora de um time da NBA, loucura.  
 Uma mulher competindo usando um lenço hijab, mudando seu esporte,  
 aterrissando um double cork 1080, ou ganhando 23 torneios, tendo um bebê e  
 depois voltando para ganhar mais, loucura, loucura, loucura, loucura e loucura.  
 Então se eles querem chamar você de louca, tudo bem.  
 Mostre a eles o que a louca pode fazer.  
 (DREAM CRAZIER. Produção de Nike, Inc. 24 de fev de 2019)

Outra campanha que ficou muito famosa foi denominada de “Não precisamos ter bolas, mas saber como usá-las”, produzida pela empresa alemã Commerzbank, no ano de 2019, indicando que, ainda que no Brasil a falta de reconhecimento com o futebol feminino seja pior que nos outros países, esse cenário não é exclusividade. Esta, por sua vez, com um estilo um pouco mais agressivo e ousado do que a destacada anteriormente, ressalta o preconceito, a falta de respeito e a desvalorização das jogadoras de futebol feminino da seleção alemã que representam uma nação que “nem sabe os nossos nomes”, como é dito no vídeo. No decorrer deste são evidenciados os títulos e conquistas da equipe e ressaltam o preconceito que precisaram enfrentar, rebatendo-o com a principal frase da campanha: “Mas quer saber? Não precisamos ter bolas, mas saber como usá-las.” A principal estratégia foi conciliar as frases estereotipadas com imagens da prática do esporte por essas mulheres – como por exemplo citar que gostam de meia sete oitavos e ilustrar com a figura do meio de futebol – com o intuito de dar força à personalidade dessas atletas e mostrar que, mesmo sem apoio, o que elas querem e continuarão lutando para fazer é jogar futebol.

Você sabe o meu nome? E o meu? Hmm... Pois é.  
 Nós jogamos por um país que nem sabe os nossos nomes.  
 Mas você sabe que já fomos três vezes campeãs europeias, não?  
 Não? Ah é... Na verdade, foram oito.  
 Pelo nosso primeiro título ganhamos um jogo de chá.  
 Desde o começo não enfrentamos somente as adversárias, mas sobretudo o preconceito.



‘As mulheres só servem para ter bebês.’  
 ‘O lugar delas é no tanque’  
 ‘É como ver futebol amador, só que em câmera lenta.’  
 Mas quer saber? Não precisamos ter bolas, mas saber como usá-las.  
 Nós somos aquelas que usam maquiagem.  
 As que gostam de usar salto-alto e meias sete oitavos.  
 Adoramos dançar e temos uma queda por pessoas que sabem o que querem.  
 Nossa inspiração vem quando nos olhamos no espelho.  
 Está tudo bem.  
 Você não precisa conhecer os nossos rostos, apenas saber o que queremos.  
 Jogar. O nosso jogo, no nosso ritmo.  
 (Não precisamos ter bolas, mas saber como usá-las. Produção de Commerzbank.  
 Alemanha, 2019.

A última campanha e talvez a que melhor aborde os primórdios da questão histórica que permeia todos os pontos debatidos no presente trabalho foi produzida também pela empresa Nike Football, em junho de 2019, sendo a sua primeira grande ação publicitária para promover a Copa do Mundo Feminina na França. O comercial relata a história de Andressa Alves, atacante da seleção brasileira que entrou para a história do futebol em 2016, com apenas 23 anos, ao tornar-se a primeira jogadora brasileira a atuar pelo Barcelona, um dos maiores clubes da Espanha e do mundo. Em um vídeo de apenas um minuto de duração, a atleta conta que desde criança sempre sonhou em ter uma bola de futebol, mas que sempre era presenteada com bonecas, sendo esta a realidade da maioria das meninas ainda nos dias de hoje. O vídeo é encerrado com a frase emblemática “não mude o seu sonho. Mude o mundo” que incentiva as mulheres, mais uma vez, a correrem atrás dos seus sonhos e a vencerem os preconceitos enraizados na sociedade. Uma curiosidade interessante é que, depois de conhecer a história de como o futebol de Andressa começou, a empresa produtora do comercial desenvolveu a primeira boneca que já era uma bola, aquela que todas as meninas boleiras gostariam de ganhar.

Eu nunca pedi uma boneca, mas já perdi as contas de quantas já ganhei.  
 Eu não gostava daquelas com muito cabelo, nem das de pano, nem das pequenininhas.  
 Se era para ganhar boneca, que pelo menos fosse das grandes, bem redondas e resistentes.  
 Ah, e carecas.  
 As carecas eram as melhores.  
 Parece loucura, mas foi assim que meu futebol começou.  
 Nada contra as bonecas, era só que eu preferia a bola.  
 (Andressa Alves’ Story. Produção de Nike Football. Junho de 2019)

O futebol é e sempre será um símbolo da nação brasileira que acarreta paixão, alegria, dor, êxtase, lágrimas e conquistas para todos os amantes do esporte. Mesmo que uma barreira histórica entre os gêneros tenha sido levantada muitos anos atrás, hoje o futebol é um esporte para homens e mulheres e não é possível reverter esse cenário. Com o passar do tempo, diversas escolinhas de futebol feminino vêm sendo criadas, atraindo

meninas de todas as idades e classes sociais. Torneios, campeonatos, peneiras, jogos amadores e até mesmo as famosas peladas tem ganhado cada vez mais presença feminina, sejam em estádios profissionais, clubes, praias, arenas, condomínios e até mesmo em praças. Mulheres lutam a cada dia pelo seu espaço em todas as esferas da sociedade e, no esporte não seria diferente. Pode-se dizer que elas estão fazendo sua parte, seja por meio de movimentos feministas ou até mesmo por meninas e jovens adentrarem em quadras e partidas e forçarem a ter um jogo misto, onde homens e mulheres, meninas e meninos possam jogar juntos de igual para igual, sem que precise se comparar ou sentir-se ameaçado pelo outro a todo instante. Infelizmente o futuro do futebol feminino e da mulher no esporte não depende apenas da força de vontade dessas atletas, mas principalmente do amparo das grandes empresas, mídias e clubes que deveriam refletir sobre os motivos pelos quais essas mulheres não podem ter o mesmo reconhecimento e visibilidade dos homens, já que praticam as mesmas modalidades de prestígio e interesse nacional e internacional. Como vencer a barreira do preconceito sem nenhum apoio ou recurso? Como estimular jovens e crianças a seguirem o caminho do esporte se elas não terão chances de se manter financeiramente e emocionalmente? Muita coisa já mudou e evoluiu, mas ainda existe um caminho muito longo pela frente. Ninguém nunca disse que seria fácil, no entanto também não quer dizer que é impossível, mas quem sabe, com um pouco mais de assistência e apoio, essas mulheres não consigam ainda, nos próximos anos, ingressar na história do país do futebol que todos conhecem e se orgulham de fazer parte.

#### **4. Ensaio imagético: desenvolvimento**

Frases como “você joga como uma garota”, “lugar de mulher é na cozinha”, “chuta que nem homem!”, “como o seu pai deixa você vir sozinha para o estádio?”, “você sabe o que é a regra do impedimento?”, “você gosta mesmo de futebol? Então fala a escalação do seu time em 1986” sempre assombraram – e ainda assombram – as mulheres que gostam de futebol. Mesmo que algumas pessoas já tentem não as utilizar, ainda é muito difícil por terem sido enraizadas e vinculadas à prática desse esporte durante tantos anos.

Desde o início do projeto tive muito bem definido qual seria a linguagem a utilizar. Com o intuito de criar uma mensagem mais impactante sobre o lugar da mulher no esporte e sobre o preconceito presente em nossa sociedade, decidi que o projeto traria como elemento fundamental e onipresente a ironia, fosse ela em frases, cores, poses e elementos de destaque. O objetivo com isso é tratar de um assunto sério e ainda sem espaço, de forma mais divertida e clara, provocando uma reflexão automática e inevitável aquele que lê. Para isso, foram coletadas frases e expressões recorrentes sobre preconceito e sobre a presença da mulher nos campos e estádios, aplicando-as em diferentes partes das peças gráficas, causando assim diferentes impactos e impressões através de cada uma delas.

#### **4.1) Pesquisas e buscas por referências bibliográficas**

Desde as primeiras etapas de elaboração do projeto, a busca por referências bibliográficas foi um grande desafio. Durante as etapas de pesquisa sobre o tema, percebi uma reduzida quantidade de pessoas e lugares que debatessem sobre a presença da mulher no futebol ou até mesmo no esporte em geral. Busquei autores, livros, pesquisas acadêmicas e qualquer outro tipo de fonte que abordasse a figura feminina, de alguma forma, no campo esportivo e pudesse me ajudar na elaboração de pensamentos e ideologias que embasassem meu projeto, mas não obtive sucesso. Diante disso, reduzi meu campo de abordagem, direcionando minhas pesquisas para assuntos e temas específicos, encontrando assim alguns artigos e até mesmo teses e dissertações. Mas logo concluí que grande parte do conteúdo eu precisaria tirar de minha vivência pessoal com o futebol e de reflexões pessoais, unindo-as com informações das fontes selecionadas para enfim resultar no tipo de mensagem que eu gostaria passar. Por um lado, foi uma tarefa muito árdua, mas logo que todo esforço valeria para que minha narrativa pudesse se tornar fonte de consulta de futuros trabalhos e projetos.

Não imaginava que seria tão complicado encontrar pensadores e fontes que falassem sobre futebol, até porque é o esporte mais amado e famoso entre os brasileiros. Aos poucos pude perceber que o difícil não era encontrar sobre futebol, mas sim sobre o futebol feminino. Autores, sites, jornais e matérias sobre futebol masculino haviam aos montes, mas quando o assunto era mulheres, tudo se tornava mais escuro e vazio. Após compreender que não encontraria um só pensador que discutisse o tema, realizei buscas incessantes por diferentes temáticas específicas no campo da modalidade feminina, concentrando minhas referências em diversos artigos curtos, matérias de jornais antigos e algumas teses e dissertações, o que acabou favorecendo para que a listagem de referências presentes nessa monografia fosse tão vasta, já que para formar conteúdo base de cada subtítulo eram necessários aproximadamente três, quatro ou até cinco fontes distintas.

Como foi debatido anteriormente, as pessoas reclamam muito que o futebol feminino é “chato” e “fraco”, mas não é possível evoluir a modalidade sem que haja o investimento necessário. E quando digo investimento, não se trata apenas de dinheiro, também significa incentivo e apoio, seja dando voz a meninas e mulheres que sonham em ser atletas, dando visibilidade as que já são atletas e principalmente discutindo e abordando o tema em diferentes meios e cenários. Enquanto o futebol feminino não se tornar um assunto em pauta nas mídias (televisões, rádios, jornais, revistas e sites), sendo revertido em material para divulgação, consulta e fontes de projetos, trabalhos e campanhas, quase nada do cenário atual mudará.

#### **4.2) Realização de entrevistas**

Após selecionar, ler, interpretar e criar elos entre os artigos encontrados sobre futebol feminino, ainda existiam lacunas presentes no discurso do projeto. Como não havia mais lugares e fontes para recorrer, resolvi realizar minhas próprias entrevistas, de

forma a elaborar perguntas que pudessem responder aos vazios que os artigos encontrados não foram capazes de preencher.

Por praticar futebol desde muito nova, sou participante nesse meio há muitos anos e, com isso, adquiri muitos contatos que foram úteis nessa parte do projeto. Ao criar uma lista com pessoas que poderiam me ajudar, selecionei três delas cujas histórias e vivências enriqueceriam muito a pesquisa, além de trazer credibilidade e veracidade ao que estava sendo debatido ao longo dos capítulos.

A primeira entrevista realizada foi com a Ana Beatriz Ribeiro, atual melhor goleira do mundo de futebol de areia. Jogando futebol desde muito nova, passou por clubes como Vasco da Gama (RJ), Boa Vista (RJ), Rio Branco (ES), Flamengo (RJ), GremBach (Polônia) e chegou a defender a camisa da seleção brasileira, recebendo recentemente o prêmio de melhor da posição em âmbito mundial. Diante de vasta experiência no meio, Ana contou um pouco sobre as dificuldades enfrentadas ao longo do caminho, a importância do apoio familiar, as diferenças de tratamento de gênero e a falta de incentivo e estrutura, além de falar sobre como imaginaria que seria sua vida caso fosse um homem da mesma modalidade e com os mesmos títulos conquistados.

A segunda entrevistada foi Noele Bastos, jogadora e amiga da goleira Ana Beatriz. Durante entrevista via email, Noele conta sobre as barreiras que precisou transpor para praticar o esporte, devido a reprovação de alguns familiares. Revela também frases e dizeres preconceituosos que teve que ouvir durante partidas e treinos, ressaltando todas as diferenças de tratamento em relação aos jogadores homens da mesma modalidade.

Por fim, a última entrevistada, também via email, foi a repórter e jornalista dos Canais Globo, Gabriela Moreira. Além de profissional envolvida com esporte há muitos anos, Gabriela também se mostrou ser uma amante do futebol, praticando-o nas horas vagas. Durante a conversa, revelou aspectos e situações em que se sentiu tratada de forma diferente pelo fato de ser uma mulher, sempre mostrando-se fiel ao seu papel de comunicadora, rebatendo toda e qualquer forma de preconceito, um destes ficando muito famoso na internet no qual questionou a atitude de um torcedor entrevistado por ela em uma transmissão ao vivo.

Todas as entrevistas acabaram tornando-se fundamentais para complementar o conteúdo de embasamento do projeto e enriquecer ainda mais o discurso utilizado, que acabou sendo composta por artigos, textos acadêmicos, sites de esporte, matérias de jornais antigos, minha vivência, experiências pessoais e relatos das entrevistadas, quase como a montagem de um quebra-cabeças que deu origem a esse trabalho e voz para muitas meninas e mulheres.

#### **4.3) Pesquisas e busca por referências iconográficas**

A próxima etapa após finalizar a pesquisa de referências bibliográficas, foi buscar referências iconográficas para o projeto. O futebol é, além de tudo, um esporte muito visual, onde lances, gols e jogadas ficam eternizados em quadros, portas retrato e até mesmo pinturas. Sendo assim, ao contrário das referências bibliográficas, a parte iconográfica sobre futebol é muito rica, até mesmo na modalidade feminina.

Já que o objetivo do projeto é dar visibilidade e incentivo às atletas de futebol feminino, procurei aplicar isto na seleção das imagens de referência. As imagens que foram selecionadas mostram mulheres em poses características e marcantes do esporte, como bicicleta, voleio, embaixadinha, entre outras. Sempre priorizado o movimento em relação à revelação da identidade das personagens.



Outra fonte de iconografia foram as próprias imagens das entrevistadas. Visitando suas mídias sociais pude encontrar diversas fotos marcantes de competições, jogos e partidas. Cada uma delas me enviou por email suas fotos preferidas, com os respectivos créditos, autorizando-me a usar da maneira que eu julgasse necessária. Após analisar uma a uma, selecionei aquelas que mais expressavam a vontade e a paixão pelo futebol, fosse através das poses, da postura, do movimento ou da expressão corporal e facial.

Após a conclusão da etapa de seleção, já tendo referências suficientes para o projeto, foi iniciado o processo de tratamento das imagens, onde foi necessário, em um primeiro momento, isolar uma a uma para ajustar opções de brilho, saturação e contraste, e depois colocá-las lado a lado em busca de uma padronização e harmonia entre elas. Vale ressaltar que optei por utilizar todas as imagens em preto e branco (com exceção daquelas da linha do tempo, as quais teriam sua compreensão prejudicada devido seu tamanho reduzido), destacando através de cores apenas algumas partes que poderiam causar mais impacto. Dessa maneira, podemos notar cores no pôster da zine 2 na faixa do uniforme (remetendo a faixa de miss universo), na medalha no pescoço (remetendo a uma joia), na luva de goleira (remetendo a artificios de beleza) e na tatuagem florida (remetendo a estampa delicada de vestidos e adereços) como elementos de destaque, com alta saturação de cores tidas como “cores de menina”, em contraponto com as poses de empoderamento de cada uma das personagens.

#### 4.4) Elementos gráficos de apoio

Como dito anteriormente, o objetivo principal do projeto é dar visibilidade para atletas de futebol feminino ou mulheres que amam o esporte, mas isso não significa destacar a feminilidade das personagens. Pelo contrário, isso a sociedade e o preconceito enraizado conseguem dar conta.

Diante disso e de todas as poses marcantes selecionadas, optei pelo uso de silhuetas, onde a identidade das jogadoras só é revelada quando existe a necessidade de complementar a informação textual, ou seja, o foco não é a identidade da atleta, e sim o que ela é capaz de fazer dentro do mundo do futebol, enfatizando assim o movimento corporal sob a aparência física.



Optei pelo gramado como um elemento comum a todas as peças gráficas que tem como objetivo ser uma base neutra de fundo para as demais informações a serem destacadas. É importante ressaltar que foi escolhido o campo e não a quadra pois a pesquisa aborda, em sua maioria, o futebol feminino de campo e, além de ser o mais

comum entre os amantes do esporte, e por isso foi o que entendi ser uma imagem que melhor representaria o futebol.



Outro recurso de apoio muito utilizado, tornando-se o principal elemento da identidade visual do projeto foi o rabisco. Utilizado na maior parte das vezes na cor rosa, é o responsável por trazer mais sutileza e dinamismo para as peças, o que pode ser observado na linha do tempo, onde a bola vai de uma data até a outra deixando um rastro rabiscado no caminho. Além de exercer essa função fundamental na parte visual, o rabisco carrega um conceito muito forte por trás. No meio do futebol, esse termo é muito usado quando algum jogador faz jogadas de efeito, onde fala-se que essa pessoa está “rabiscando” ou “foi rabiscado”, podendo também ser aplicado quando se referem a algum atleta muito habilidoso, definindo-o como “jogador liso” ou “que rabisca os outros”. Em suma, trata-se de uma gíria futebolística que remete ao ousado, a habilidade, ao movimento e a agilidade. Devido as suas características visuais e significado, foi criado para ser a peça chave do projeto.



#### **4.5) Paleta cromática e tipografia**

Além de ser um esporte muito dinâmico e visual, o futebol sempre foi conhecido pelo seu show de cores. Torcidas apaixonadas enchem estádios e seus arredores carregando bandeiras, camisetas e faixas com as cores de seu time do coração, transformando as arquibancadas em um verdadeiro mar de cores. E nada mais adequado do que trazer isso para o projeto.

Tendo em mente a intenção de facilitar a leitura e absorção das informações, tornando a experiência o mais prazerosa possível, a paleta cromática do projeto é bastante ampla, podendo ser dividida em dois grupos. Todas as cores utilizadas são bem vibrantes de forma a contrastar com o fundo do gramado. O primeiro grupo são as cores de apoio, que foi mais utilizado na linha do tempo devido a grande quantidade de informações que precisavam ser expostas sem causar dúvidas de que são distintas umas das outras. Já o segundo grupo trata-se do padrão cromático principal da zine, utilizado nas capas e nos demais interiores, sendo selecionadas, de forma proposital, cores reconhecidas por serem “cores de menina”, ou seja, rosa, roxo e laranja. A justificativa está ligada mais uma vez a forte presença da ironia em todo o projeto, pois ao mesmo tempo que as frases e cores reforçam um estereótipo de preconceito, o conteúdo interno das zines vão de encontro a esse pensamento.

Paleta cromática principal:



Paleta cromática de apoio:



Já a tipografia escolhida para ser a principal foi a “Chalkduster”, uma tipografia manuscrita, mais rabiscada e irregular, relacionando-se com o conceito utilizado de rabisco, de jogadas de efeito do futebol e do dinamismo que traz esse esporte. Houve uma pequena edição nesta fonte para que a tornasse ainda mais irregular, através de algumas inclinações e alterações de tamanho entre cada um dos tipos. Por sua vez, a tipografia de apoio escolhida foi a “Roboto”, primeiramente pela necessidade de ser uma fonte mais limpa e com boa leitura, em contraponto com a tipografia principal script e, em segundo lugar, pela completa família que possui, com diferentes pesos e características, aumentando as combinações possíveis para serem utilizadas nas peças gráficas.

Tipografia principal:

**Chalkduster**  
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ  
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz  
 123456789

Tipografia de apoio:





#### 4.6) Formatos e dobras

A justificativa para que o ensaio imagético se desse no formato de zine foi, em primeiro lugar, devido a possibilidade de trabalhar um projeto independente, com abordagens e características mais livres, aproximando-o do improvisado e alegre mundo do futebol. Em segundo lugar pela praticidade e mobilidade que as peças teriam, tornando possível que as pessoas pudessem levá-las para qualquer lugar, facilitando ainda mais a leitura e a propagação de informação.

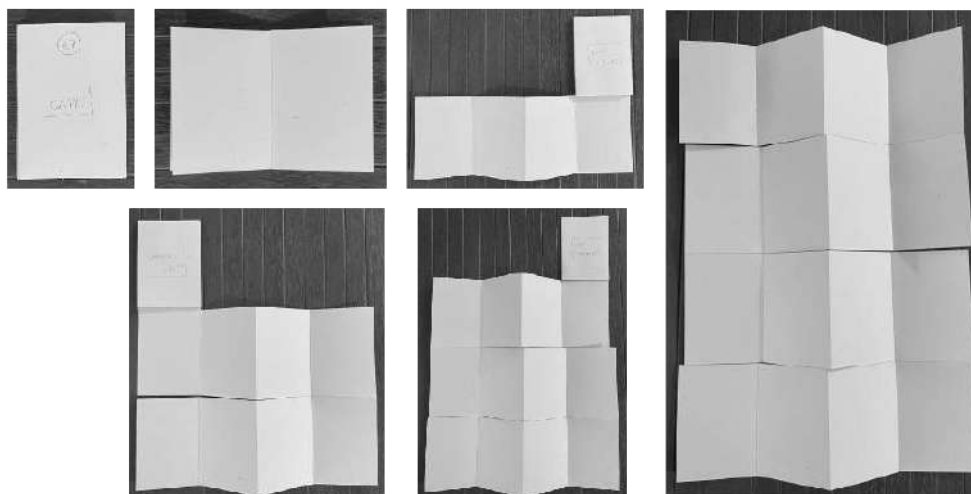
Considerando ainda que o maior desafio é estimular a leitura deste material em pessoas que não conhecem o assunto, a escolha do formato e do tipo de dobra que seria feito se deu com o intuito de trazer dinamismo e leveza, de forma que estimulasse a curiosidade, fazendo com que os usuários sentissem prazer em manusear as peças, sendo atraídos a conhecer o conteúdo interno de cada uma delas. Atentando a isso, optei para que cada uma das zines tivessem um formato diferente, assim como a disposição das dobras, para que cada uma delas fosse única e trouxesse uma nova experiência para quem a manuseia, de modo que o conteúdo de cada uma delas fosse enfatizado da melhor forma possível.

### 5. O projeto

Durante as pesquisas e desenvolvimento da parte teórica da monografia, elenquei alguns temas principais dentro do meio do futebol feminino e, com isso, decidi produzir três zines onde cada qual faz alusão a uma temática distinta. A principal ideia é abordar fatores fundamentais no âmbito do futebol feminino, alternando a propagação de informação com um choque de realidade acerca do preconceito com essas atletas. Dessa forma, as três temáticas escolhidas foram: breve linha do tempo com as principais conquistas e pontos marcantes ao longo de todos esses anos de história; entrevistas sobre dificuldades e preconceitos de algumas mulheres para tornarem-se jogadoras ou profissionais do meio; e alguns dados estatísticos sobre salários ou recompensas. A descrição de cada uma dessas peças gráficas encontra-se a seguir.

#### 5.1) Zine 1: tinha que ser mulher

Possui o formato fechado A7 (74 x 105 mm) e o formato aberto A3 (297 x 420 mm). A primeira zine é composta por capa, contracapa e dezesseis faces de conteúdo que se abrem em um pôster, apresentando dobras e recortes para serem manuseados gradativamente do formato fechado até o final, aberto.



A zine 1 é o primeiro volume do conjunto, justamente por trazer a história da modalidade. Antes de abordar temáticas mais complexas acerca do assunto, é preciso saber um pouco de sua história e de como se deu essa evolução ao longo do tempo. Seu formato fechado, em A7, foi pensado para ser manuseado como um pequeno livreto, página por página, até evoluir para um pôster quando aberto, nas dimensões do A3, onde o leitor pode ver com totalidade a linha do tempo e o caminho percorrido por essas atletas. Ela traz em sua capa o título “só podia ser mulher”, frase muito usada quando trata-se do preconceito, em situações onde consideram que a pessoa só fez algo errado ou mal feito por ser do gênero feminino, em contraponto com o conteúdo interno da zine, onde aparece detalhadas todas as dificuldades e o longo caminho que precisaram percorrer para praticar o esporte, trazendo a ironia presente em todo o projeto.

A história começa na primeira partida de futebol feminino registrada, em 1921, entre senhoritas dos bairros de Tremembé e Cantareira, durante festas juninas na cidade de São Paulo. As partidas ocorriam como atividades circenses, sendo tratadas sempre como uma performance artística ao invés de um esporte de fato. Após isso, já em 1940, são realizados jogos em nível amador de mulheres do subúrbio do país em estádios conhecidos e renomados, sendo considerados as primeiras aparições de mulheres no mundo do futebol.

Tudo ia relativamente bem até que foi criado o CND (Conselho Nacional dos Desportos), sob alçada do Ministério da Educação, que foi responsável por instituir o Decreto-Lei 3.199 no ano de 1941, o qual dizia em seu artigo 54 que “as mulheres não deveriam praticar esportes que não fossem adequados a sua natureza” e, apesar de não ser citado nominalmente, o futebol se enquadrava.

Dando um salto para o ano de 1958 houve o surgimento do primeiro time oficial de futebol feminino do Brasil, o Araguari Atlético Clube, de Minas Gerais. Apesar da proibição, as mulheres do time de Minas representaram a resistência e de maneira escondida, continuaram a jogar, recebendo até mesmo convite para jogar uma competição no fora do país. Toda a bravura e vontade não foram o suficiente e, depois de tanto

preconceito e pressão por parte daqueles que eram contra a prática, o time do triângulo mineiro não resistiu e chegou ao fim no ano seguinte de sua criação.

Já durante o governo militar, no ano de 1965, o Decreto-lei é novamente publicado, de forma mais detalhada, citando especificamente a modalidade do futebol como proibida para mulheres, não existindo mais brechas para práticas escondidas. A proibição ficou em vigor por 14 anos até que, em 1979 o Decreto-lei foi revogado e a proibição do futebol feminino chegou ao fim graças a equipe feminina de judô, após seu treinador inscrever suas atletas no Sul-Americano como se fossem homens, precisando prestar esclarecimentos ao Conselho, onde apresentaram as medalhas de ouro e bronze, demonstrando assim que não haviam motivos para proibir as mulheres de praticar esses esportes considerados incompatíveis com sua natureza. O fim da proibição foi considerado uma grande vitória para as mulheres da época, mas foi apenas 4 anos depois que houve a regulamentação desses esportes, permitindo que torneios fossem organizados, calendários criados, utilização de estádios oficiais e até mesmo a prática nas escolas.

Apesar da demora para a regulamentação da modalidade, foi apenas no ano de 1988 que ocorreu o primeiro torneio FIFA, conhecido por “Women’s Invitational Tournament”. A Federação Internacional de Futebol promoveu um torneio mundial de caráter experimental na China como um convite à essas mulheres que antes eram proibidas de jogar. Com um total de 12 seleções participantes, o Brasil terminou em terceiro lugar, conquistando a medalha de bronze.

Ainda falando sobre torneios oficiais, no ano de 1991 ocorreu a primeira Copa do Mundo FIFA, onde a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) finalmente assumiu o time feminino de forma definitiva, mesmo que o tratamento ainda fosse de maneira muito amadora. Com boa parte das atletas que disputaram o torneio experimental na China, a seleção brasileira teve menos de um ano de preparação e foi eliminada na primeira fase da competição.

Cinco anos depois e alguns anos a mais de treinamento, aconteceu os primeiros Jogos Olímpicos, na cidade de Atlanta nos Estados Unidos. O futebol feminino do Brasil estreou nas Olimpíadas e terminou em quarto lugar, mas a primeira medalha FIFA não demoraria muito para chegar. Três anos depois, em 1999, as meninas do Brasil conquistaram sua primeira medalha da história em uma Copa do Mundo, ficando em terceiro lugar do torneio, faturando assim a medalha de bronze.

O ano de 2003 não poderia passar em branco pois foi a Primeira Copa do Mundo da Rainha Marta, ainda muito nova, sediada pelos Estados Unidos. Apesar do Brasil ter sido eliminado nas quartas de final pela seleção da Suécia, a melhor jogadora do mundo, ganhadora de seis prêmios, era revelada. No ano seguinte, já com atletas como Formiga, Marta e Cristiane no elenco, a seleção conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos da Grécia. A tão cobiçada medalha de ouro veio em 2007 no Pan-Americano do Rio de

Janeiro, onde a seleção feminina derrotou o poderoso Estados Unidos em uma goleada histórica de 5 a 0 em pleno Maracanã lotado.

O ano de 2009 também ganhou destaque por mais uma importante conquista para as mulheres do Brasil: foi quando ocorreu a primeira edição feminina da Taça Libertadores da América, um dos principais torneios sul-americanos, contendo dez equipes intercontinentais, onde a equipe do Santos (São Paulo, BR) consagrou-se como campeã, com atletas como Marta e Cristiane no elenco. Por fim, a linha do tempo se encerra no ano de 2015, onde a seleção brasileira disputou os jogos Pan-Americanos no Canadá e garantiu o título da modalidade.

O motivo pelo qual a linha do tempo não se estende até o ano de 2020, ano em que o presente projeto foi finalizado, é devido a falta de conquistas positivas de peso para a seleção. O fato de ter deixado alguns pontos negativos de fora, como é o caso da eliminação precoce na Copa do Mundo de 2019 na França, não quer dizer que somente os acontecimentos positivos foram abordados, mas que procurei dar maior destaque às conquistas, sejam elas dentro de campo ou perante a lei, até porque como essas atletas já são alvo de muitos preconceitos, e tidas como piores do que os homens, nunca recebendo o crédito e atenção que merecem, não precisaria ser dado mais motivos para que sustentassem ainda mais essa forma de pensar. Desta maneira, foram pontuadas 16 datas marcantes que contam, através de breves legendas, como se deu todo o caminho do futebol feminino até os dias de hoje, abordando as primeiras práticas, o preconceito, a proibição, vitórias e prêmios conquistados. Além disso, optei por selecionar algumas fotos que ilustrassem cada uma dessas datas, para que torne a experiência mais lúdica e palpável para o leitor.



**1921**



**1ª partida de futebol feminino**

Atividades circenses em festas juninas entre senhoras dos bairros de Tremembé e Santa Cruz de São Paulo.

**1941**

**Primeiras aparições**

Realização de jogos em nível amador de mulheres em dois estádios conhecidos e renomados.

**1941**



**Assinatura do Decreto-Lei: a Proibição**

Instituição do Decreto-Lei 8.199/41 que diz que "as mulheres não deverão praticar esportes que não fossem adequados a sua natureza."

**1968**

**Surgimento do 1º time de futebol feminino do Brasil**

Foi criado o Araguaia Atlético Clube, time de Mônica Gerardo, onde as mulheres continuaram a jogar, mesmo que de forma escondida das autoridades.

**1965**

**Proibição detalhada**

Diante o governo militar, o decreto-lei foi novamente publicado, citando especificamente o futebol como esporte proibido para mulheres.

**1979**

**Fim da proibição: revogação do Decreto-Lei**

O decreto chegou ao fim graças ao trabalho da equipe feminina de jogadores que inscreveu suas atletas como se fossem homens, conquistando várias medalhas.




**1991**



**1ª Copa do Mundo FIFA**

Com boa parte das atletas que disputaram o torneio em 1988, a seleção brasileira teve menos de 1 ano de preparação e foi eliminada na primeira fase da competição.

**1996**

**Primeiros Jogos Olímpicos**

O futebol feminino do Brasil estreou nos Jogos de Atlanta terminando a competição em 4º lugar.

**1983**

**Regulamentação**

Permissão para a organização de torneios, calendários de jogos, utilização de estádios oficiais e até o prática nas escolas.

**1988**

**Primeiro torneio FIFA: Women's Invitational Tournament**

A Federação Internacional de Futebol promoveu um torneio mundial experimental na China como um teste para essas mulheres que antes eram proibidas de jogar.




**1999**

**Primeira medalha FIFA: bronze**

A seleção brasileira conquistou sua primeira medalha de história em Copas do Mundo ficando em 3º lugar.

**2003**

**Prize: Marta Vieira da Silva**

1ª Copa do mundo de Marta, aos 17 anos. A seleção brasileira foi eliminada pela Suécia nas quartas de finais.




**2004**

**Primeira medalha Olímpica: prata**

Ja como jogadoras como Formiga, Marta e Gretchen, a seleção conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos da Grécia.

**2007**

**Medalha de ouro no Pan-Americano do Rio**

A seleção feminina do Brasil derrotou os EUA em uma goleada por 5 a 0 em pleno Maracanã lotado.




**2009**

**1ª edição Taça Libertadores feminina**

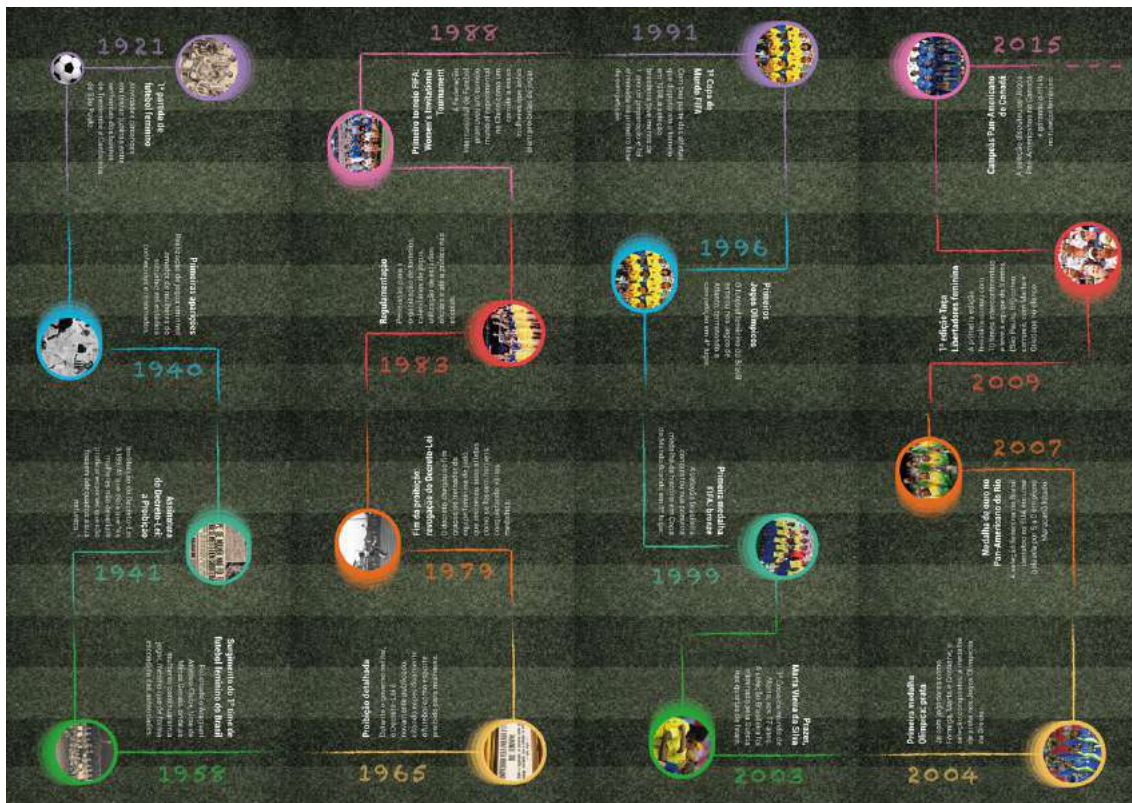
A primeira edição feminina contou com 10 times intercontinentais e teve a equipe do Santos (São Paulo, BR) como campeã, com Marta e Cristiane no elenco.

**2015**

**Campeãs Pan-Americano do Canadá**

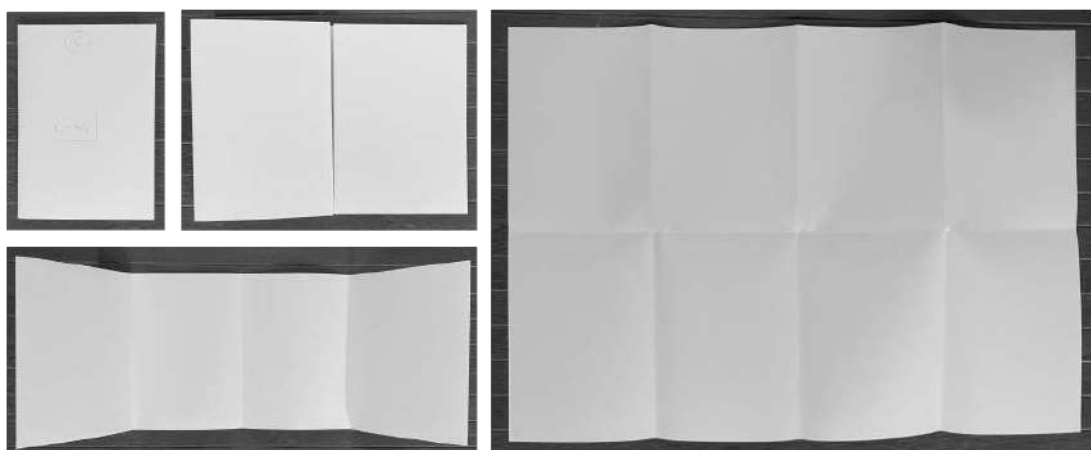
A seleção disputou os Jogos Pan-Americanos no Canadá e garantiu o título no futebol feminino.



## 5.2) Zine 2: nem toda menina sonha em ser bailarina

A zine 2 é a segunda peça do volume e, com isso, tem um tamanho um pouco maior do que a anterior. Seu formato fechado é A6 (105 x 148 mm) e, por conta do conteúdo presente, optei pela dobra janela, também conhecida como armário, para que o leitor fosse entrando em contato com as informações de forma gradual. Além da capa e da contracapa, contém uma face inicial de abertura, seu miolo e, por fim, um pôster no formato aberto A3 (297 x 420 mm).

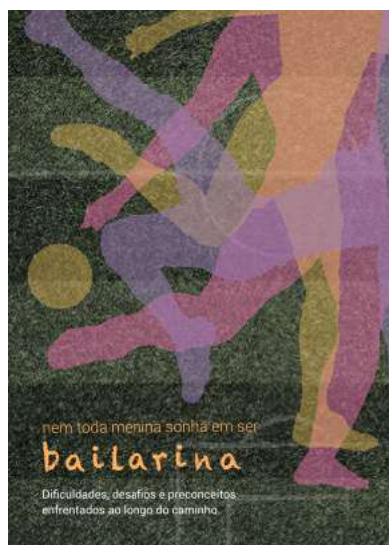


Como dito no início, a falta de bibliografia foi um desafio muito grande ao longo da execução do projeto e, por isso, tomei a iniciativa de realizar entrevistas com algumas

mulheres, de forma a conduzir o rumo da conversa para obter as respostas que precisava, por meio de perguntas e questionamentos objetivos para cada uma das entrevistadas.

Após descobrir informações muito interessantes durante esses bate-papos, decidi utilizá-los para além de citações na monografia, de maneira que essas meninas tivessem suas histórias e falas ouvidas, já que um dos maiores objetivos com o projeto é o incentivo e a valorização do futebol feminino. Nada melhor do que começar dando voz àquelas que muitas vezes não tem oportunidade ou espaço para contar sobre suas experiências.

Dessa forma, a capa traz a irônica frase “nem toda menina sonha em ser bailarina” e, sua primeira face traz uma indagação de “você sabe o que é impedimento?”, para causar reflexão e impacto, por ser uma frase muito forte e, infelizmente, ainda muito conhecida por mulheres e meninas que praticam ou acompanham o futebol, no intuito de desvalorizá-las como se não fossem capazes de entender uma regra básica do esporte ou como se fosse isso que definisse se são ou não praticantes e apaixonadas por ele. Abrindo ainda mais a zine chegamos à parte com as entrevistas de Ana Beatriz, Noele, Cristiane (da seleção – retirada de site na internet) e Gabriela, onde foram destacadas algumas passagens mais marcantes de suas falas, através da tipografia e diagramação textual. Por fim o pôster A3, com a revelação das identidades das jogadoras que estavam em silhueta na face anterior e a frase que deu o título para este volume.





**Gabriela**  
 Reporteira dos canais Globo  
 (TV Globo, Sportv e GloboEsporte.com)

"O xingamento ao meu trabalho vem sempre ligado a algo sexual. Sempre me colocando como objeto sexual, negativamente."

"Achem que não estou acostumada ao ambiente de arquibancada. Eu frequentei estádios desde a infância, joguei futebol. Por que me consideram "fora do mundo do futebol?"

**28 anos**  
 Trabalha com minha empresa desde 2010  
 Amante do futebol, jogando e acompanhando desde sua adolescência

**Noele**  
 Primeira brasileira a jogar um torneio de futebol de areia na Europa.

"Já estudei em arquibancadas: 'para de reclamar com o juiz, vai lavar uma louça.' Chega a ser engraçado, porque as pessoas saem de casa para assistir futebol feminino e criticam o que estamos fazendo."  
 "Os homens que jogam futebol de areia vivem do esporte. Eu jogo futebol de areia, mas não vivo disso."

**29 anos**  
 Atuou na primeira seleção brasileira de futebol de areia.

"Na maioria das vezes eu chegava em casa chorando porque alguém me ofendeu, falava que aquilo era coisa de menino, que eu tinha que estar em casa ajudando minha mãe, que eu vivia sozinha. **que andava igual moleque, que eu tinha que andar de vestido.**"  
 "Ser mulher e jogadora tem que comer atrás, porque tem homens que não sabem que você consegue fazer uma coisa que eles não sabem."

**Ana Beatriz**  
 É a atual melhor goleira do mundo.

"Eu ouço muito que deveriam diminuir o gol, o tamanho do campo e que **precisa mudar a bola por ser muito pesada para mulheres.**"  
 "Acho que as pessoas que não valorizam o futebol e falam que é chato ou lento não sabem a merda do que a gente passa para estar ali."

**Para julgar, é preciso saber o que existe por trás.**

**Cristiane**  
 Maior goleira em Olimpíadas entre homens e mulheres, com 14 gols.

**35 anos**  
 Atacante da seleção brasileira desde 2003.

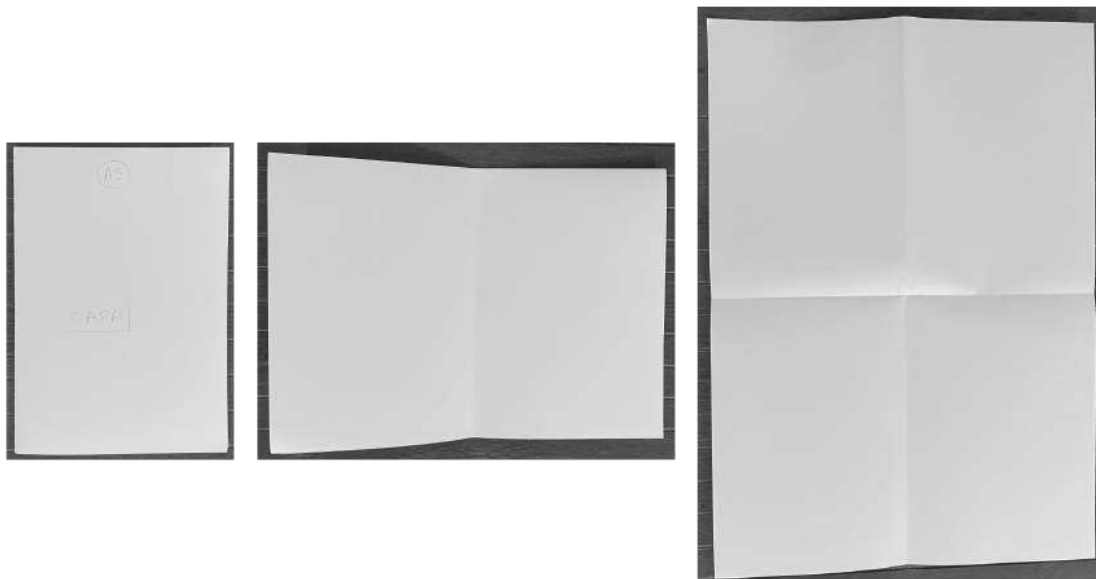
**igual**  
 1,2





### 5.3) Zine 3: jogue como uma garota

O último volume do conjunto é a zine 3 que tem o maior tamanho fechado do conjunto, sendo seu formato A5 (148 x 210 mm) e quando aberta A3 (297 x 420 mm), como as demais. Por se tratar de um mesmo conteúdo envolvendo números e comparações salariais, optei por um tipo de dobra mais simples, onde cada paralelo fica mais bem distribuído e separado por diferentes faces.



Durante as pesquisas, tive acesso a informações que até mesmo eu, engajada e apaixonada por esse esporte, desconhecia. As diferenças, sejam elas de salário, patrocínios ou remunerações de prêmios são estrondosas e inacreditáveis. Poderia trazer inúmeras comparações, mas, como o objetivo é impactar o máximo possível, preferi selecionar dados relacionados a figuras conhecidas pela maior parte da população, como os jogadores Lionel Messi, Neymar e Marta e outras jogadoras de futebol feminino mais bem remuneradas do mundo. Além dos salários de cada um deles, trago também uma comparação entre a recompensa ou premiação FIFA para os vencedores da Copa do Mundo feminina e masculina. Sendo assim, totalizaram-se quatro eixos comparativos: um de cunho nacional (Neymar x Marta) e os outros três mais amplos no cenário internacional (Copa do Mundo FIFA masculina x feminina, Ada Hegerberg x Lionel Messi e Neymar x 5 mais bem pagas jogadoras do mundo).

Devido a presença de dados estatísticos, presumi que fosse um conteúdo de entendimento mais complicado. Por isso, as informações foram organizadas em formato de infográfico, para destacar as consideradas mais importantes, facilitando assim a compreensão dos leitores. Ainda pensando em formas de simplificar o entendimento dos dados e escancarar as diferenças entre os gêneros, comecei a buscar formas de passar as informações sem que fosse somente por meio de números, a fim de alcançar o impacto desejado. Diante disso, criei elementos gráficos de apoio exclusivamente para serem usados nesse volume.



## Quanto vale o desempenho?

Atuais capitães e camisas 10 da seleção brasileira

### Neymar Junior

R\$ 215 milhões por ano

28 anos

7 títulos internacionais

Nenhuma vez melhor jogador do mundo

64 gols pelo Brasil

### Marta da Silva

R\$ 1,49 milhões por ano

34 anos

10 títulos internacionais

6 vezes melhor jogadora do mundo

108 gols pelo Brasil

**Neymar recebe 269 vezes a mais do que Marta por ano**

## Recompensa FIFA

A seleção masculina campeã de 2018 recebeu **9,5 vezes a mais** do que a feminina em 2019.

**Copa do Mundo FIFA masculina 2018**

R\$ 167 milhões

**Copa do Mundo FIFA feminina 2019**

R\$ 17,6 milhões

**A jogadora mais bem paga do mundo recebe 325 vezes a menos** que o jogador de mesmo posto.

### Ada Hegerberg

R\$ 1,76 milhões por ano

### Lionel Messi

R\$ 572 milhões por ano

## Top salários

Neymar Junior recebe anualmente **quase 27 vezes a mais** que a soma das cinco jogadoras mais bem pagas do mundo.

Ada Hegerberg

+ Amandine Henry

+ Wendie Renard

+ Carli Lloyd

+ Marta da Silva

R\$ 7,8 milhões por ano

### Neymar Junior

R\$ 215 milhões por ano

#### 5.4) Elementos do conjunto

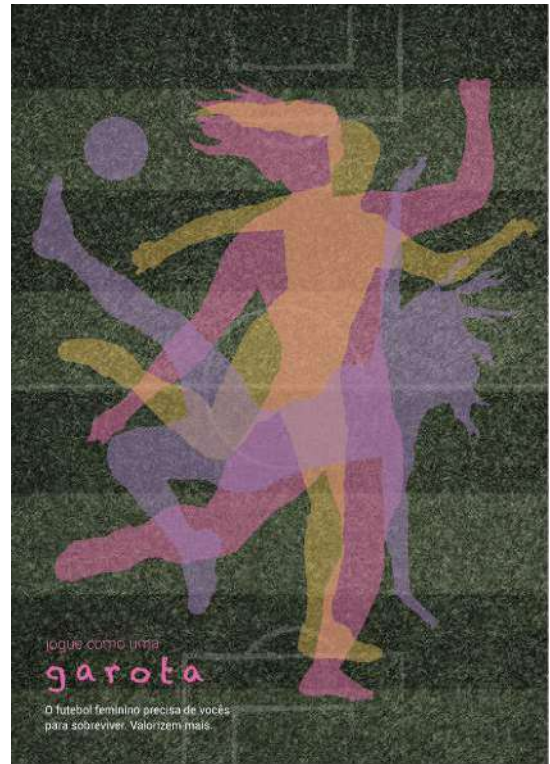
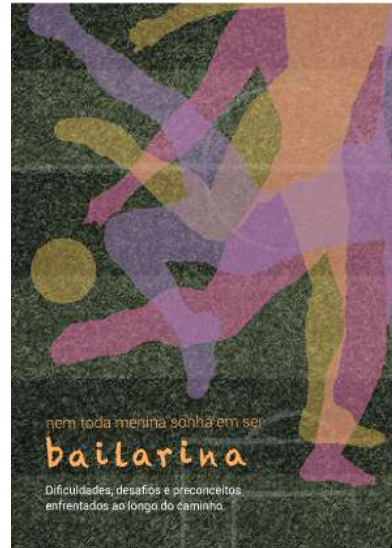
Minha ideia inicial sempre foi que as três zines se completassem de forma que os leitores pudessem sentir um pouco mais entendedores do mundo do futebol feminino após a leitura de todas elas. Após os miolos estarem devidamente estruturados e esquematizados, pensei: já que os conteúdos se complementam, por que não as capas também?

Assim sendo, estudei estratégias de criar uma imagem que só pudesse ser compreendida em sua totalidade quando todas as três zines estivessem juntas. Voltei a olhar para as referências visuais de poses de jogadoras e realizei alguns testes com fotografias autorais, mas cheguei rapidamente à conclusão que a imagem de capa do conjunto, a qual resumiria todo o projeto e seria responsável pela primeira impressão do leitor, deveria ser algo muito forte que resumisse tudo que quero passar com esse projeto.

Muito além de falar sobre mulher jogando bola, dinheiro ou história, o que mais me preocupava era passar o amor e o talento que essas atletas possuem, independente de onde vem, de sua idade, salário ou gênero. Isto posto, escolhi trabalhar com silhuetas, selecionando algumas poses fortes do esporte, sendo feitas por mulheres, como por exemplo o famoso carrinho, a bicicleta, a embaixadinha, o voleio, entre outros tantos dribles famosos e reconhecidos de longe pelos amantes do futebol. As silhuetas são responsáveis por tirar o peso do fato de serem do gênero feminino e enfatizar a jogada, a habilidade, o talento.

A figura formada, só é possível ser vista na capa da última zine ou no encaixe de todas as três. Além disso, há um jogo com a posição das bolas presentes na figura. Conforme você solta a primeira zine (A7), é revelada uma bola que só aparece na capa da segunda, na ideia de trazer movimento a jogada e a enfatizar a unidade entre os volumes, como se uma zine “jogasse a bola” para a seguinte.

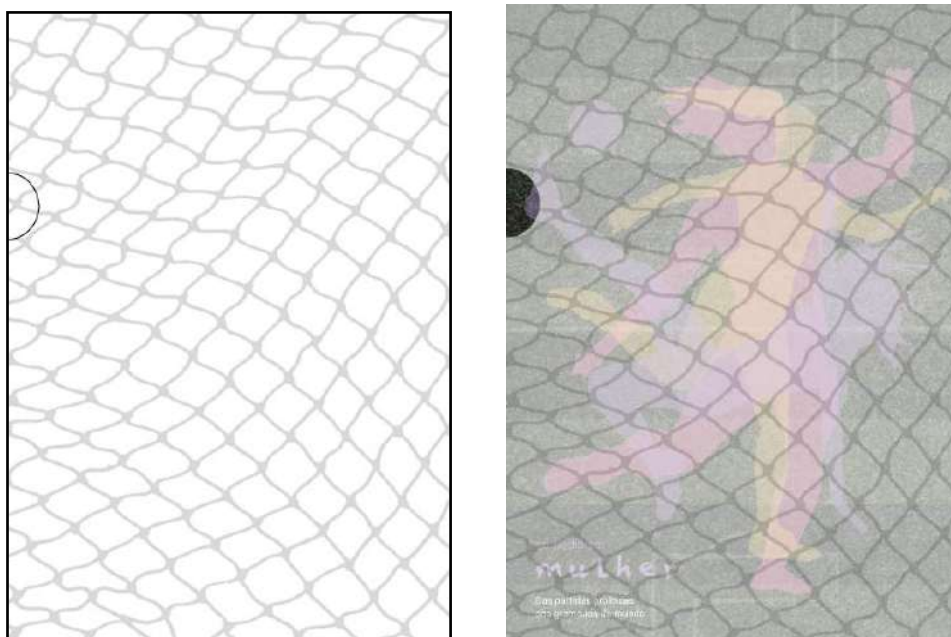
Outro detalhe são as cores de cada um dos títulos. Ainda buscando uma conversa entre as peças do conjunto, procurei a cor predominante na capa de cada volume, sendo assim o título da terceira zine é rosa, que é a cor predominante no seu interior, o da segunda traz o laranja que está presente na frase da primeira face, nos depoimentos e no pôster e, por fim, a zine 1 que traz o roxo, o qual também marca presença em alguns itens da linha do tempo.



Já que as três peças foram pensadas e desenvolvidas para serem lidas e entendidas como um único componente, montei um envelope para guarda-las mantê-las unidas. Este envelope, também chamado de luva, é um artifício muito usado em livros e volumes para induzir o consumidor a entender as peças como integrantes de um só. Devido a riqueza de detalhes das capas, optei por utilizar o papel vegetal como material para a luva, principalmente por conta de suas características na passagem da luz. Ele acabou tornando-

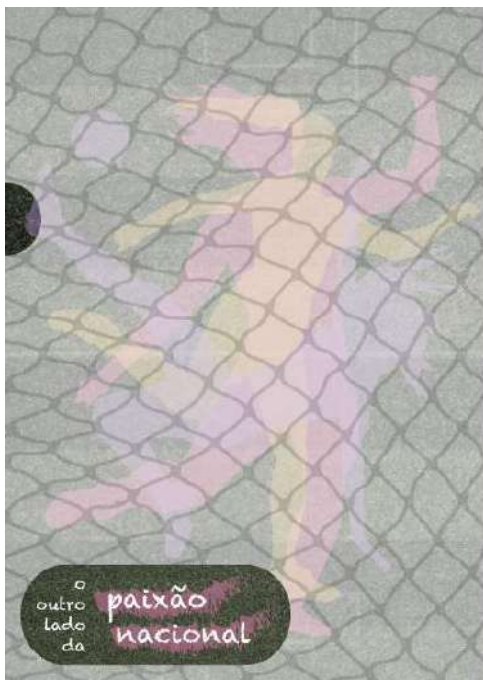
se uma boa opção por não ser totalmente opaco a ponto de que os detalhes das capas não sejam vistos e nem é transparente demais para que tudo seja revelado no primeiro momento. Pelo contrário, traz um conceito misterioso que instiga a curiosidade para descobrir o que tem dentro através de sua característica translúcida.

Como a intenção não era apenas criar uma peça para guardar o conjunto, imprimi uma textura de rede de gol no papel vegetal da luva, de forma a contribuir ainda mais com o ar misterioso de revelar partes das capas, seguindo fiel a identidade visual de todo o projeto e sua temática. Com isso, a luva possui o formato fechado da maior zine (A5), comportando em seu interior os três volumes, os quais seriam colocados e retirados por cima, onde uma meia lua estaria indicando a posição em que se deve posicionar o dedo para facilitar o manuseio.



Foi desenvolvido também um adesivo com a identidade visual do projeto. Essa peça gráfica traz o título do conjunto: o outro lado da paixão nacional. Este vem posicionado no canto inferior esquerdo da luva, para que o título da primeira zine (único do conjunto que fica aparente) fosse devidamente escondido e revelado apenas quando o conjunto estivesse nas mãos do leitor. O adesivo traz uma diagramação peculiar, retomando o rabisco (elemento que foi utilizado apenas no interior das zines, ficando de fora das capas) na principal cor do projeto: o rosa, de forma irônica por causa do cansativo e insistente pensamento de que meninos trajam azul e meninas o rosa.

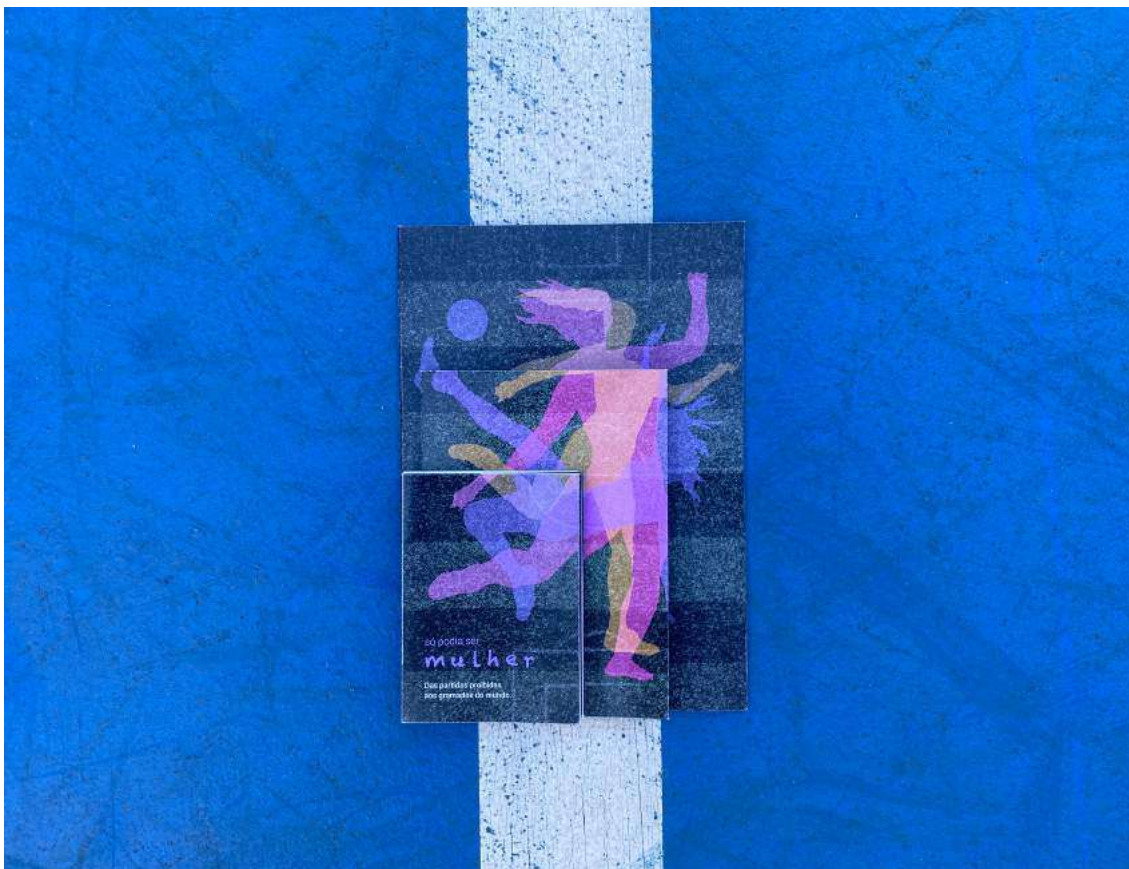




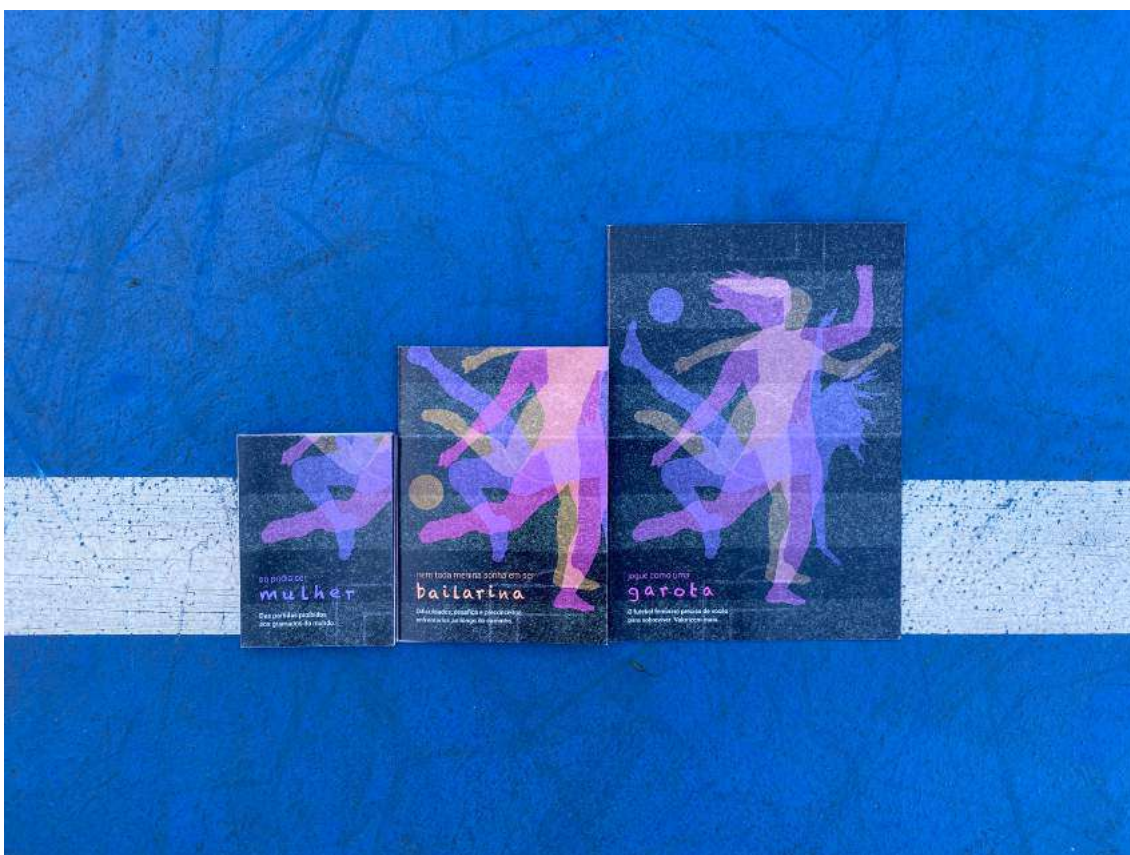
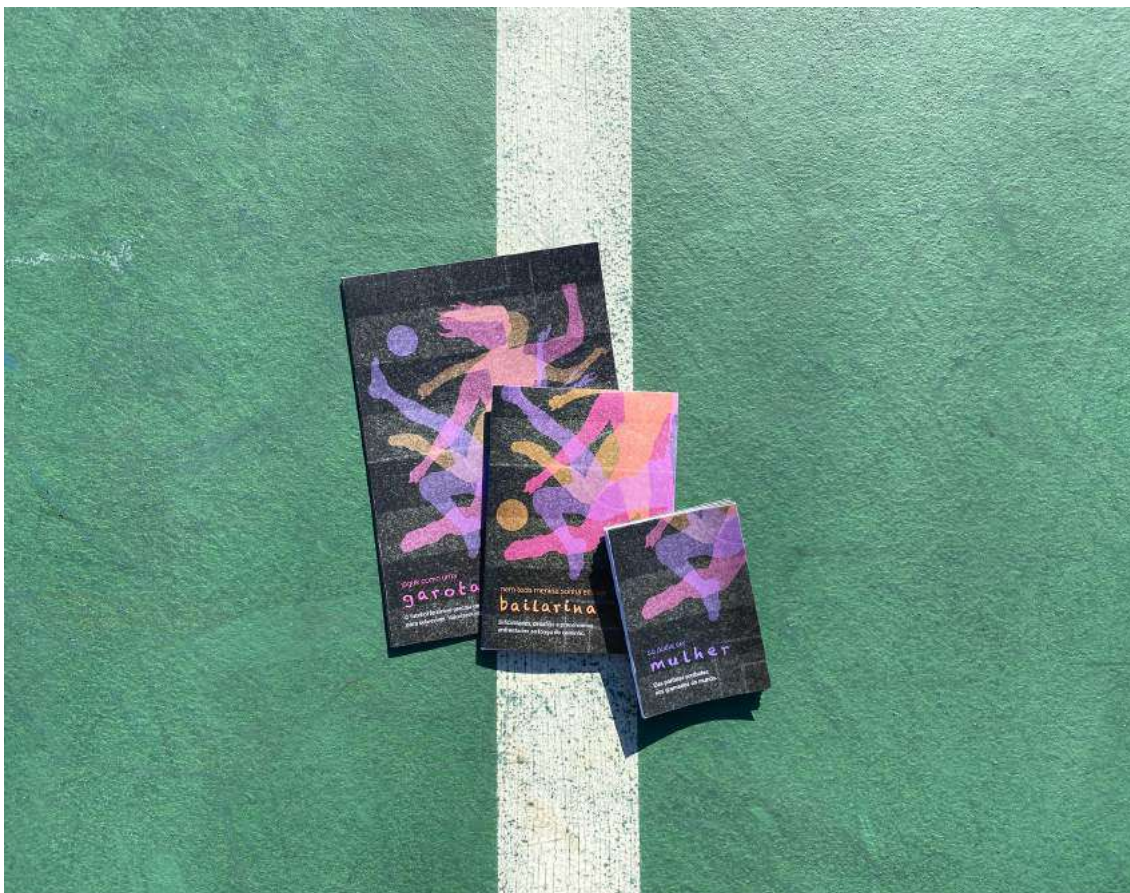
Com todos os detalhes de capa e envelope resolvidos, notei a necessidade de criar um mecanismo que possibilitasse que as três zines se mantivessem unidas mesmo fora da luva pois se o objetivo principal era de que o leitor pudesse ver a imagem que é formada, isso não seria possível dentro do envelope (devido as características do papel vegetal) e nem fora dele, a partir do momento que estão soltas sem nada que as prendam uma na outra. Após testar cintas, tipos de encadernação e amarrações diferentes, optei pela utilização de ímãs. Os ímãs são peças com alto teor magnético que, dependendo de seu tipo e espessura, são fortes o suficiente para sustentar diferentes materiais e pesos. Minha escolha por esse material se deu pela necessidade de ser algo prático e simples de ser manuseado pelos usuários, de forma que, uma vez que as três zines fossem separadas, pudessem facilmente ser unidas novamente, sem maiores dificuldades de costura ou furos que prejudicariam a organização da informação no interior dos volumes. O ímã utilizado é de neodímio no formato circular para remeter a bola de futebol, com 1 centímetro de diâmetro e 3 milímetros de espessura, sendo considerado ideal para sustentar a espessura de aproximadamente 6 milímetros do conjunto. Foi elaborado também uma estrutura que mantém o par de ímãs unidos, de forma que, ao soltar o da frente, o que está no verso não seja perdido ou caia no chão. Lembrando que cada conjunto englobaria um par de ímãs, sendo posicionado um na frente e o outro atrás, sustentando e mantendo as três zines firmes e unidas. Essa estrutura é composta por uma faixa de papel vegetal com suas extremidades pintadas de rosa, estando colada nas duas faces do ímã com cola quente, ligando assim uma unidade magnética a outra.



### 5.5) Fotos finais do projeto









## Conclusão

Desde o início do curso de Comunicação Visual Design ouvia que deveria tentar cursar Educação Física por estar sempre muito engajada com o meio esportivo, mas não

demorou muito para que eu entendesse que é possível fazer design com e sobre qualquer assunto. O design está em todo o lugar e é um dos principais responsáveis por comunicar ideias, formas de pensar e mensagens de maneira clara, objetiva e, muitas vezes, lúdica. A inspiração para esse projeto veio nas aulas de publicação independente, as quais me deram total liberdade e confiança para aplicar meus conhecimentos absorvidos em projetos autorais no campo da fotografia, tipografia, diagramação, impressão, entre outros. Realizar uma publicação independente tem seus desafios, mas, por outro lado, carrega consigo uma satisfação imensurável e sentimento de dever cumprido, principalmente quando o campo de estudo é de grande valor pessoal.

Produzir um projeto em meio a uma realidade tão conturbada e repleta de incertezas como a pandemia do Covid-19 foi, de fato, um grande desafio, ainda mais por se tratar de um assunto tão relevante, importante e delicado. Inicialmente a ideia era apenas de que o projeto conseguisse sair do papel, mas, diante de sua evolução veio também o inevitável envolvimento pessoal acerca do resultado e de como este poderia impactar uma série de pessoas.

O objetivo foi criar um conjunto de peças gráficas que mostrassem que a mulher pode estar onde ela quiser, englobando principalmente o cenário do esporte. O futebol foi por muito tempo, um esporte considerado dos homens e para os homens, onde estádios, clubes, bares e “peladas” (gíria para partida de futebol entre amigos) eram restritos e, bastasse uma mulher frequentá-los para ser rotulada como “maria chuteira”, “gay” ou simplesmente declarada como fora de seu habitat natural.

Como o principal objetivo do projeto é alcançar e impactar o maior número de pessoas possível, serão estudadas formas de divulgação online do conteúdo das zines, para que não fique restrita apenas ao público regional e passe ao âmbito nacional. Seguindo sugestões da pré-banca, a ideia é que isso se dê por meio da criação de redes sociais, como Instagram e Facebook, onde as artes serão postadas, visualizadas e compartilhadas Brasil a fora. Devido a precária existência de referências bibliográficas sobre futebol feminino, também viabilizarei um local (site ou as próprias redes) onde possa disponibilizar o arquivo da monografia em PDF, para que possa ser fonte de consulta, afim de propagar o conhecimento aqui presente.

Temas como preconceito, desigualdade e falta de reconhecimento foram muito debatidos durante todo o trabalho, sendo enfatizado ainda mais nas peças gráficas. Desde muito nova sou apaixonada pelo futebol e frequento todos os lugares que seja permitido entrar carregando uma bola. Já vivi situações desagradáveis e precisei escutar falas duras e difíceis de lidar, principalmente quando se é mais jovem. Por isso, falo com autoridade quando nós, mulheres jogadoras, ainda temos um longo e árduo caminho a percorrer, o que não significa dizer que muitas coisas já não foram conquistadas. Caminho esse de luta, raça, garra, conquistas, derrotas, decepções, mas, acima de tudo, muita força e alegria, até porque esta é a alma do futebol.

Por fim, não poderia encerrar este projeto sem fazer um pedido. Em nome de todas as meninas, mulheres, atletas amadoras, profissionais, amantes e apaixonadas pelo futebol peço que não desistam dos seus sonhos. Não deixem de entrar em discussões sobre futebol e defender suas opiniões. Não deixem de ir aos estádios, gritar e torcer por seus times do coração. Não deixem de calçar suas chuteiras e disputar lugar com os homens em locais públicos. Não deixem se convencer de que somos piores por sermos mais fracas fisicamente. Não parem de lutar para mostrar que uma mulher sabe sim jogar futebol e que, nem por isso, nos tornamos menos mulheres. Não se envergonhem de nada, como disse a Rainha Marta em entrevista na última Copa do Mundo: sonhem mais, lutem mais, o futebol feminino precisa de vocês para sobreviver.

### Referências bibliográficas

ALVES, Camila. **Montar time feminino é exigência para equipes da Série A 2019; veja a situação dos clubes**. Recife: Globo Esporte, 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2019. Não paginado.

Andressa Alves' Story. Produção de Nike Football. Junho de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6Z5ugcnrwSw>> Acesso em 23 de agosto de 2019.

CAPELO, Rodrigo. **Opinião: Precisamos ir além da diferença salarial entre Messi e jogadoras de futebol feminino**. São Paulo: Globo Esporte, 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/blogs/blog-do-rodrigo-capelo/post/2019/06/20/opiniao-precisamos-ir-alem-da-diferenca-salarial-entre-messi-e-jogadoras-de-futebol-feminino.ghtml>> Acesso em: 14 jan. 2020.

CROCHIK, José Leon. *Preconceito, indivíduo e sociedade*. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 47-70, dez. 1996. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1996000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 jan. 2020.

DE CARVALHO FERRETTI, Marco Antônio; PASCOTI ZUZZI, Renata; EDWIGES DOS SANTOS VIANA, Aline; MORALES VILHA JUNIOR, Fernando. **O Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim**. Motriz, Rio Claro, v17 n.1 p 117-127, jan/mar. 2011.

DREAM CRAZIER. Produção de Nike, Inc. 24 de fev de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=65iG4Pg31WU>> Acesso em 23 de agosto de 2019.

FRANZINI, Fábio. *Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol*. In: **Rev Bras Hist.** São Paulo, v.25, n. 50, jul/dez 2005.

KNIJNIK, Jorge. **“Gênero, Um Debate Que Não Quer Calar.”** Gênero e Esporte: Masculinidades e Feminilidades, 2010.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. **Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira;** In: Antonio Carlos Simões, Jorge Dorfman Knijnik (orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo, Aleph, 2004 (p. 191-212)

KNIJNIK, J. D& VASCONCELOS, E.G. *Mulheres Na Área No País Do Futebol: Perigo De Gol*. In: **Mulher e Esporte – mitos e verdades**. SIMÕES, A. C. (org). Barueri, Manole, p.165-175.

MALUF, Gilberto. **A razão do “bicho” no futebol**. História do Futebol: A enciclopédia do Futebol na Internet, 2008. Disponível em: <<https://historiadofutebol.com/blog/?p=5842>>. Acesso em: 17 nov. 2020. Não paginado.

MAZOTTE, Natalia. **Mulheres recebem menos na maioria dos esportes**. Agência Pública, 2016. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/desigualdade-de-genero-ney-mar-embolsa-em-media-r-900-mil-por-gol-marta-r-12-mil/>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

MOURÃO, Ludmila. *As narrativas sobre o futebol feminino, o discurso da mídia impressa em campo*. In: **Rev Bras Cienc. Esporte**, Campinas, v.26, n. 2, jan 2005. p. 73-86.

MURAD, Mauricio. **[Diálogos com o Futebol]**. Rio de Janeiro, 2018. Entrevista concedida a Isabella Trindade a Revista Mosaico da FGV em 2018.

NÃO PRECISAMOS ter bolas, mas saber como usá-las. Produção de Commerzbank. Alemanha, 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=iZ64QLngxOQ>> Acesso em 23 de agosto de 2019.

PAPPEL, Lucas. **Pioneiras do esporte proibido: histórias do início do futebol feminino no Brasil**. Araguari, MG: Globo Esporte, 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/olimpiadas/noticia/2016/08/pioneiras-do-esporte-proibido-historias-do-inicio-do-futebol-feminino-no-brasil.html>. Acesso em: 29 ago. 2019. Não paginado.

PEREIRA, Edmilson. **Futebol Feminino: Quem Será Contra Nós**. 2.ed. Clube dos Autores, 2018.

SALVINI, Leila; DE SOUZA, Juliano; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. *Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman*. In: **Rev Bras Educ Fis Esporte**. São Paulo, 2015.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. *Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990*. In: **Movimento**, vol. 19, núm. 1, enero-marzo, 2013, pp. 95-115.

SAMUEL KESSLER, Cláudia. **Se é futebol, é masculino?** Estudos Socioculturais do esporte. Curitiba, out. 2012.

SANTOS TEIXEIRA, Fábio Luís; DE OLIVEIRA CAMINHA, Iraquitã. *Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática*. In: **Movimento**, vol. 19, núm. 1, enero-marzo, 2013, pp. 265-287.

SOUZA, J.; KNIJNIK, J. *A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil*. In: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 35-48, 1 mar. 2007.

VELOSO, Lucas. **A gritante diferença salarial entre mulheres e homens no futebol**. O Quilombo, 2019. Disponível em: <<https://almapreta.com/editorias/o-quilombo/a-gritante-diferenca-salarial-entre-mulheres-e-homens-no-futebol>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

VIANA, A. E. DOS. *Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica*. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 6, p. 640-648, 11.

VILODRE GOELLNER, Silvana. *Imperativos do ser mulher*. In: **MOTRIZ**, vol. 5, núm. 1, junho, 1999, pp. 40-42.

### Referências iconográficas

**Figura 1:** No estádio Independência, em Belo Horizonte, as meninas vestiram as camisas de Atlético-MG e América-MG em jogo preliminar em 1959.

(Foto: Revista Manchete Esportiva/Reprodução)

Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/olimpiadas/noticia/2016/08/pioneiras-do-esporte-proibido-historias-do-inicio-do-futebol-feminino-no-brasil.html>> Acesso em: 04 nov. 2019.

**Figura 2:** Placa de proibição do futebol feminino.

(Créditos: Museu do Futebol.)

Disponível em <<https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao->

brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino> Acesso em: 04 nov. 2019.

**Figura 3-** Jornal Correio do Paraná de 13 de junho de 1959, fala da proibição do futebol feminino no Brasil pelo Conselho Nacional de Desportos.

(Foto: Correio do Paraná/Reprodução).

Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/olimpiadas/noticia/2016/08/pioneiras-do-esporte-proibido-historias-do-inicio-do-futebol-feminino-no-brasil.html>> Acesso em: 04 nov. 2019.

**Figura 4-** Seleção Brasileira feminina que participou do Torneio Mundial de caráter experimental, chamado de “Women’s Invitational Tournament”, na China no ano de 1988, conquistando a medalha de bronze.

(Créditos: Acervo Museu do Futebol, Suzana Cavalheiro).

Disponível em <<https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino>> Acesso em: 04 nov. 2019.

**Figura 5-** Jogadora Marta entra em campo em jogos da Copa do Mundo feminina de 2019, na França, utilizando batom da linha Avon. O cosmético que leva o nome de “Powerstay” chamou a atenção dos telespectadores e mídia.

(Foto: Reprodução/Veja SP)

Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/beleza-de-blog/marta-batom-avon/>> Acesso em: 28 jan. 2020

**Figura 6-** Gabriel Barbosa e Bruno Henrique, atletas do Clube de Regatas do Flamengo posam para foto de divulgação da final da Taça Libertadores da América de 2019, organizada pela Conmebol Libertadores.

(Foto: Divulgação / Conmebol).

Disponível em: <<https://www.cenariomt.com.br/2019/11/22/bruno-henrique-e-gabigol-disputam-premio-de-melhor-da-libertadores-com-dupla-do-river/>> Acesso em: 14 jan. 2020

**Figura 7-** Guaraná Antarctica cria campanha apenas da seleção feminina.

(Foto: Divulgação / Guaraná Antarctica)

Disponível em: <[https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/guarana-antarctica-cria-campanha-apenas-da-selecao-feminina\\_37038.html](https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/guarana-antarctica-cria-campanha-apenas-da-selecao-feminina_37038.html)> Acesso em: 14 jan. 2020

**Figura 8-** Uniforme da seleção brasileira de vôlei de praia, no caso, da dupla Alison Cerutti e Bruno Schimidt.

(Foto: FIVB/Fotos Públicas)

Disponível em: <<https://diariodovale.com.br/tempo-real/dupla-brasileira-alison-e-bruno-vence-canada-no-volei-de-praia-masculino/>> Acesso em: 27 jan. 2020

**Figura 9-** Uniforme da seleção brasileira de vôlei de praia, no caso, da dupla Ágatha e Bárbara.

(Foto: Divulgação/CBV)

Disponível em: <<http://www.esportesbrasil.com.br/noticias/rio2016/brasil-passa-tranquilo-pela-argentina-no-volei-de-praia-feminino.html>> Acesso em: 27 jan. 2020

## Referências leis

BRASIL. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 17 out. 2019

BRASIL. Decreto-lei nº 3.199 – deliberação nº 7, de 07 de agosto de 1965. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>>. Acesso em: 17 out. 2019.

## Anexo 1 – entrevista concedida (Ana Beatriz Ribeiro)

**Entrevista realizada presencialmente dia 21 de janeiro de 2020 e transcrita no dia 22 de janeiro de 2020.**

Nome: Ana Beatriz Paredes Ribeiro, 23 anos

Profissional de educação física, joga como goleira no Rio de Janeiro no Boa Vista, no Espírito Santo pelo Rio Branco e no GremBach da Polônia.

### 1. Com quantos anos começou a jogar e como se deu essa experiência?

**Resposta:** Eu comecei com 10 para 11 anos. Eu estava na escola e tinha aula de futsal, só que era para o período da tarde e eu estava no período da manhã. Minha irmã fazia e eu não tinha como fazer porque eu não podia. Um dia eu falei pro meu pai: “pai, faz um futebol pra gente, faz um futebol” e ele montou uma escolinha que começou a reunir todas as meninas da área que jogavam bola. Teve uma época que a escolinha tinha umas 40 meninas. No começo a gente começou jogando com os meninos, dividindo quadra com os “fraldinhas”. Tinha menina com 12, 13 anos já enorme dividindo quadra com os meninos de uns 7 anos de idade. Como teve muita procura, a gente conseguiu um horário só pra gente. O incentivo foi do meu pai. Ele sempre estimulou a gente a fazer esporte, nunca foi o futebol em especial, mas a gente sempre jogava handebol, basquete, ia pra quadra e jogava.

### 2. Em algum momento foi barrada por ser mulher?

**Resposta:** Não, as vezes tomavam mais um susto mesmo. A gente ia jogar em algum lugar e o porteiro do clube não sabia que ia ter uma partida de futebol feminino ali, e eram



jogos de federação. A gente falava que era para o futebol e ele falava “ué, mas pro futebol? Como assim?” e depois que explicávamos que ia ter jogo nosso eles liberavam, mas tomavam um susto.

**3. Você participou da Liga Mundial de Beach Soccer nesse ano. Fale um pouco sobre essa experiência de jogar futebol fora do país.**

**Resposta:** Joguei na Turquia representando a equipe do Grembach da Polônia e é surreal. Não se compara a nenhuma passagem minha por seleção, no campo, no futsal ou em qualquer clube aqui, é outro nível, ainda mais porque o beach soccer aqui no Brasil, feminino então, é muito fraco. A estrutura é bizarra. Nosso treinador, que era o dono do time, deu todo suporte, toda a estrutura, a gente não tinha que se preocupar com nada. Ganhamos uniforme de passeio, 2 casacos, 1 capa, uniforme de treino, tudo. Enquanto aqui a gente tem uniforme para jogo que a gente usa e devolve. Em todos os lugares, até quando eu estava no Vasco tinha que usar e devolver. Quando trocava o modelo do uniforme de treino, a gente devolvia aquele antigo porque ia ser reutilizado para as outras categorias. Sendo que eram todos uniformes do time masculino, já usados.

**4. Você disse que notou diferença de comportamento e investimento no futebol feminino no exterior, mas você acha que é só no beach soccer ou no futebol por um todo?**

**Resposta:** No Brasil eles não querem investir, ainda estão nessa de que não vai dar retorno, sendo que lá fora é outra cabeça, eles querem investir, eles gostam, eles apoiam, porque lá desde pequenininha a mulher está jogando e aqui existe uma barreira gigantesca com isso. E é difícil porque somos o país do futebol, como você fala isso sendo que na modalidade feminina não tem nada? Levando pro lado do beach soccer, a gente vê a diferença entre o feminino e o masculino, só que a ficamos tão vislumbrados com a diferença do Brasil e lá fora que a gente nem percebe muito essa diferença de gênero, mas com certeza os valores são muito mais altos. Se o campeonato que eu disputei fosse aqui, eles não iam colocar um hotel de frente para praia para gente ficar, ia cada um da sua casa e pronto.

**5. Como é a recepção dos jogos em países mais desenvolvidos (como europeus), em relação ao público das partidas?**

**Resposta:** As pessoas queriam ver. A gente colocou um papel no hotel dizendo que ia ter o nosso jogo e foi surreal porque estava sempre cheio. Tinham vezes que o jogo o feminino estava mais cheio do que o dos homens. Todos torcendo, querendo ver jogo, se interessando. Aqui não iam ligar, só se de repente fosse antes da final do masculino, mas mesmo assim, as pessoas estariam fazendo outra coisa. É o que eu sempre falo, não dá para ser igual ao masculino porque não tem retorno, mas por que não tem retorno? Mas hoje a gente já vê Santos, Corinthians fazendo uma campanha bem legal de visibilidade que há 1 ano atrás não tinha. É surreal no Brasil como é diferente, porque lá fora eles têm

a cultura de ver o jogo feminino, passa na televisão o tempo todo e aqui não, só passa uma vez ou outra.

**6. Em relação a forma de tratamento: quando mais nova ou nos dias de hoje, você viveu alguma experiência onde jogadoras mulheres eram tratadas de forma diferente dos homens só por serem mulher? Como?**

**Resposta:** Sim, no Vasco era surreal, porque eu comecei lá com uns 13 anos e eu conhecia meninos de 13 anos que já tinham empresário, casa perto, comiam lá e tinham todo um suporte, não era grandes coisas mas era melhor que nada. Enquanto isso tinham meninas que vinham de fora do Rio que tinham que alugar casa com o próprio dinheiro, tinham que depender dos pais para pagar as contas, sendo que era um sonho igual do masculino e não tinham suporte nenhum. Então no começo tinha dias que ficávamos largadas, não tínhamos direito nem de almoço. Era como se eles emprestassem as camisas pra gente jogar e ‘se vira’, era essa a sensação. Hoje em dia eu também paro para pensar como não tem reportagem de futebol feminino, na televisão é só futebol masculino, passa sub 11, sub 13, sub 15, sub 17, júniores, adulto 300 vezes a mesma reportagem, o mesmo gol e pra falar do feminino é uma vez no ano.

**7. É muito comum mulheres serem escolhidas para integrar as equipes só por causa das suas relações pessoais. Você já vivenciou alguma experiência dessas? Como foi essa situação?**

**Resposta:** Sim, já vivi em um campeonato universitário que joguei. Fomos com 1 jogadora machucada, que era a craque do time, então estávamos com o número certo e ainda teria uma vaga que seria para uma outra menina não tão boa mas que conseguiria jogar se precisasse, só que ao invés dela foi uma outra menina, que não jogava nada, só por ser namorada do treinador. A gente não sabia de nada até chegar no aeroporto. Chegando no jogo, precisávamos de mais uma jogadora para entrar pois nosso time cansou e algumas meninas se machucaram e não tinha ninguém para entrar porque ela foi, ocupou a vaga de outra menina, ficou no banco e não jogou. São coisas que no futebol feminino são difíceis de lidar porque nessas horas eles colocam muita culpa nas atletas, mas a comissão, os diretores nada, sendo que o erro vem de cima. O treinador levou a menina, mas alguém autorizou, e aí a gente fica sem ter o que fazer. E não só esse caso, mas como casos de assédios, eu já vi muito. Comigo nunca aconteceu porque meu pai estava sempre comigo, me ensinando e fiscalizando. Mas e as meninas que não sabiam, que não conheciam e achavam que era normal? Muita gente sofreu com isso.

**8. Antigamente a questão da fisiologia feminina era uma barreira para as mulheres no futebol. Você já viveu ou ouviu algum comentário desse sentido?**

**Resposta:** Eu ainda ouço muito, por parte de amigos e conhecidos do meu pai, de virem falar comigo que deveriam diminuir o gol e o tamanho do campo porque a gente não corre tanto e as goleiras são menores e assim não tomaríamos tanto gol de cobertura. Mas isso

é uma questão relativa, até porque existe também a opção de fazer gol de cobertura até no masculino, então porque no feminino ia mudar? Já ouvi também que tem que tem que mudar a bola porque é muito pesada para mulheres.

**9. Em relação aos investimentos e remuneração. Você já participou de diversas competições nacionais e até mesmo internacional. Com isso, o que pode dizer sobre as diferenças salariais e de investimento que homens e mulheres têm nesse campo?**

**Resposta:** É muita diferença. Eu tenho uma base melhor do futebol de campo, sei que o melhor salário de 2019 era da Marinha com parceria do Flamengo, onde as meninas tinham que ser marinheiras para jogar, que era de 5 mil reais por mês. Não sei agora, mas 5 mil reais era o melhor pagamento do Brasil, a nível profissional do futebol feminino. Se você comparar com qualquer jogador homem da base já deve ganhar o triplo. Em relação ao Beach soccer, a gente se acostumou tanto a não receber nada que quando a gente recebe qualquer valor, a gente já acha ótimo. Um exemplo, claro que não é ruim, você vai para outro lugar, conhece outras pessoas, outras culturas, faz o que você ama, mas eu ganhei 500 dólares para essa viagem, por 1 semana enquanto eles ganharam 10 mil dólares, pela mesma competição. Tem muita diferença.

**10. Por último, o que acha da frase “futebol não é coisa de mulher” e o que poderia dizer para as pessoas que não valorizam o futebol feminino?**

**Resposta:** Eu acho que essa frase é brasileira. Porque no Brasil é surreal o preconceito e a gente vai lá para fora e é tão valorizada. As pessoas passam na rua, apertam sua mão e aqui é tanto faz. Se você estiver representando o futebol do Brasil, que dizem ser o maior, não importa porque você é mulher. O futebol masculino está em cima e o feminino aqui embaixo. Essa frase é muito preconceituosa. Acho que as pessoas que não valorizam o futebol e falam que é chato ou lento não sabem a metade do que a gente passa para estar ali. Eles olham pela televisão um jogo em um milhão e não sabem o que é ficar longe da família, sentir saudade, tem umas jogadoras que já são mães e precisam ficar longe dos filhos, acho que para a gente julgar, temos que saber o que existe por trás. Por que é lento? Por que você acha lento? Realmente é diferente, mas por outro lado os homens caem logo por qualquer pancada e a mulher levanta e continua. São coisas que fazem diferença, então pode até ser mais lento, mas tem muito mais raça e muito mais vontade. E eu falo muito isso, a brincadeira do menino desde sempre é correr de um lado para o outro enquanto a menina brinca de cozinha, então ele já está mais acostumado, mais ágil, tem outra dinâmica, e para a menina é diferente, é uma ou outra que vai estar no meio deles. Culturalmente o futebol feminino não é um esporte no Brasil, porque lá nos EUA é um esporte fortíssimo, já que quando criancinhas tem um monte de menina chutando bola e um ou dois meninos no meio.

**Anexo 2 – entrevista concedida (Noele Bastos)**

**Entrevista realizada via email no dia 30 de março de 2020.**

Nome: Noele Rocha Bastos, 29 anos

Atleta do time Rio Branco Beach Soccer, no Espírito Santo e na Europa na equipe do GremBach da Polônia.

**1. Qual o maior obstáculo que teve que enfrentar para poder jogar futebol?**

**Resposta:** Como minha avó não me deixava jogar futsal, eu ia sexta-feira para a casa da minha tia e jogava o fim de semana inteiro sem minha avó saber.

**2. Em algum momento já foi barrada por ser mulher?**

**Resposta:** Barrada de fato não, mas escuto muita coisa do tipo: ela é mulher e joga melhor que você. Coisas ditas por homens. E isso não é legal, porque assim como a mulher pode jogar mais que homem, o homem pode cozinhar mais que uma mulher. Essas comparações só faz a gente se atrasar como ser humano.

**3. Em relação a forma de tratamento: quando mais nova ou nos dias de hoje, você já viveu alguma experiência onde jogadoras mulheres eram tratadas de forma diferente dos homens? Como?**

**Resposta:** Eu jogo futebol de areia na Europa tem 6 anos, então eu vivo uma experiência e realidade na própria pele. Hoje os homens que jogam futebol de areia, que participam dos mesmos torneios que eu, vivem do esporte. Os salários que eles recebem são muito maiores que o nosso das mulheres, sendo que os torneios são os mesmos. Eu jogo futebol de areia, mas não vivo disso. Eu trabalho numa escola dando aula para crianças, ou seja, nossa categoria é tratada de forma diferente sempre, principalmente em relação aos salários.

**4. Durante jogos ou treinos, você já ouviu insultos ou foi alvo de xingamentos e preconceitos por ser mulher e estar jogando futebol? Fale sobre.**

**Resposta:** Já sim. Já escutei em arquibancadas: para de reclamar com o juiz, vai lavar uma louça. Chega a ser engraçado, porque as pessoas saem de casa para assistir futebol feminino e criticam o que estamos fazendo.

**5. Se pudesse, o que vocêalaria para todas as meninas que amam e jogam futebol, mas que ainda sofrem com muito preconceito nos dias de hoje?**

**Resposta:** Não desistir. Se você tem um sonho, um objetivo e acredita nele, não deixe que ninguém fale pra você que você não pode ou que não vai conseguir. Seja persistente.

**6. Por último, o que acha da frase “futebol não é coisa de mulher” e o que poderia dizer para as pessoas que não valorizam o futebol feminino?**

**Resposta:** Futebol é coisa de quem quiser praticar, independente de ser homem ou mulher, a prática do esporte sempre traz benefícios. Graças a Deus o futebol me proporcionou muito coisa que eu jamais imaginaria. Conheço mais de 8 países jogando futebol de areia. Eu fui a primeira brasileira a jogar um torneio na Europa. Faço parte de todo processo da primeira seleção brasileira de futebol de areia, fiz amigos no mundo inteiro, me formei com bolsa atleta na faculdade por causa do futebol. Então eu acho que isso vale muito mais do que uma pessoa me falando que futebol não é coisa de mulher. Tenho certeza que será questão de tempo e que em breve seremos valorizadas igual aos homens, e que esse tipo de frase não será mais dita por ninguém.

### **Anexo 3 – entrevista concedida (Gabriela Moreira)**

**Entrevista realizada via email no dia 09 de março de 2020.**

Nome: Gabriela Moreira, 38 anos

Repórter dos Canais Globo (TV Globo, SporTV, Globoesporte.com).

#### **1. Há quantos anos você trabalha com a mídia esportiva?**

**Resposta:** Desde 2012

#### **2. Para você, qual é o principal papel da mídia esportiva nos dias de hoje e você acha possível esta ser imparcial?**

**Resposta:** A mídia esportiva tem vários papéis. Informar e entreter estão entre os principais. Falo mais sobre o papel de informar, que é o que me dedico mais. Se é possível ser imparcial? Possível ou não, continua sendo uma obrigação do jornalista levar para a casa das pessoas o que tem de mais próximo da realidade dos fatos. E para isso, é preciso se desprender do que você acredita. Só assim se chega próximo da realidade dos fatos. Ouvindo todos os lados, apurando incansavelmente.

O meio esportivo é cada vez mais “coberto”, entre aspas, mesmo. Porque você tem cada vez mais veículos oficiais propagando informações sobre o meio esportivo. Quando não é o veículo oficial, são os blogs e mídia setorializada, às vezes feitas por pessoas que não são profissionais da informação, o que pode prejudicar a qualidade da informação. Com isso, proliferam os conteúdos de propaganda, marketing, vozes oficiais, travestidas de jornalismo. Vejo isso com muita restrição. Mais conteúdo oficial e cada vez menos conteúdo crítico, de fiscalização, que é, para mim, o objetivo do jornalismo.

#### **3. Já sofreu algum tipo de preconceito enquanto trabalhava por ser mulher e falar sobre futebol? Comente.**

**Resposta:** Mulheres que falam sobre futebol, trabalham com futebol, sofrem preconceito diariamente. E o meu caso não é diferente. Diria que, talvez, seja pior em casos de

repórteres e comentaristas que tendem a ser mais críticas. No meu caso, como faço muitas matérias de denúncia e aponto problemas em clubes e organizações, isso tende a se intensificar. Os ataques tendem a se intensificar. Na sociedade como um todo, a expectativa é que as mulheres sejam dóceis, simpáticas, fofas. No futebol também é assim. Minha intenção não é ser o contrário de doce, simpática e fofa, é simplesmente informar. E informação, muitas vezes, chateia.

E vejo colegas homens fazendo o mesmo tipo de trabalho que o meu não sofrendo tantos ataques como eu, muitas vezes, sofro. O xingamento ao meu trabalho vem sempre ligado a algo sexual. Sempre me colocando como objeto sexual, negativamente.

**4. Todos ficaram a par do caso em que você combate a homofobia de um torcedor do Palmeiras. Depois do ocorrido e da grande repercussão, como a opinião pública e a emissora se posicionaram? Estiveram ao seu lado? O quanto esse fato impulsionou sua carreira e você acha que te ajudou mais ou atrapalhou?**

**Resposta:** Sinto que o meu posicionamento, de fazer o rapaz entender que aquela não era uma conduta adequada, que não era aceitável ele passar aquela mensagem homofóbica para quem estava assistindo, foi recebido com muita surpresa pela maior parte das pessoas que estavam assistindo e até entre grande parte dos colegas. As pessoas vinham me dar parabéns pela conduta. Outras, me diziam: isso é porque você não está acostumada ao mundo do futebol. Isso é comum.

Veja, me surpreendi com as duas reações. Uma, a que elogia, é bacana, mas aquilo era o óbvio a se fazer. Era o que eu tinha de fazer como repórter, como jornalista. Não posso levar preconceito para a casa das pessoas. E se eu escolhi aquele entrevistado para falar, sou responsável pelo conteúdo que ele levou para a casa das pessoas. Diante disso, não tinha outro caminho a não ser dizer que ele estava errado.

A parte que disse “isso é comum no futebol, você não está acostumada”, está erradíssima, ao meu ver e carrega, além da naturalização desse comportamento, outro: o que acha que por eu ser mulher, não estou acostumada ao ambiente de arquibancada. Eu frequento estádios de futebol desde a infância. Passei a adolescência frequentando, joguei futebol. Por que me consideram “fora do mundo do futebol”? Porque acham que eu entrei no mundo do futebol após ser repórter. É um preconceito na análise, uma constatação errada pelo fato de eu ser mulher.

A empresa me deu todo o apoio. No ar, imediatamente, e posteriormente, também. Estava na ESPN na época e fui homenageada pela sede, nos Estados Unidos. Me ligou uma diretora de Igualdade da Disney para me parabenizar. Fiquei feliz em saber que trabalhava numa empresa que tinha estes valores, que são os mesmos que os meus.

O fato não impulsionou minha carreira... mas acho que acho que, sim, fiquei ligada às causas, à bandeira LGBT, e acho que isso é bom.

**5. Você acredita ser ouvida da mesma forma que os homens que ocupam a mesma posição profissional que você?**

**Resposta:** Hoje em dia, acho que sim. Mas custei para chegar a este ponto. Durante muito tempo, perguntas que eu fazia em coletivas (perguntas mais técnicas) eram respondidas sem que o entrevistado olhasse pra mim. O que eu entendo como falta de cumplicidade. Quando você dialoga com alguém, você quer que a pessoa entenda o que você está dizendo. Quando os entrevistados, jogadores, técnicos, dirigentes, respondiam minhas perguntas (alguns, claro, não eram todos), eles não viam em mim cumplicidade de entendimento. Ou, não acreditavam que eu estivesse entendendo. Já vi muitas vezes isso ocorrer. Eu perguntar e o entrevistado responder para um colega homem, buscando cumplicidade.

**6. Você já deixou de trabalhar ou teve dificuldade em realizar trabalhos e matérias esportivas apenas por ser mulher? Lembra de algum caso em que um profissional homem obteve prioridade devido ao objetivo ou tema da reportagem?**

**Resposta:** Não tenho nenhum caso específico para citar, mas durante muito tempo não levaram meu trabalho a sério. Mas vejo com muitas colegas acontecer o seguinte, ainda: elas ficam com as flores, as firulas, e eles com a boleiragem, as matérias pra falar do jogo em si. Infelizmente, isso ainda acontece, embora tenhamos muitas mulheres que já conseguem fazer matérias, usando o linguajar da moda, de “igual para igual” com os homens.

**7. Antigamente as reportagens sobre o futebol feminino valorizavam, a sexualidade acima de suas habilidades técnicas e, nas poucas vezes que eram ressaltadas as conquistas, argumentos de desvalorização eram feitos em sequência. Você, como profissional da área esportiva e jogadora de futebol nas horas vagas, lembra de alguma experiência que viveu onde piadas machistas ou preconceituosas sobre jogadoras de futebol foram feitas no intuito de colocar suas habilidades em segundo plano e transformá-las em motivo de piada? Comente.**

**Resposta:** Isso acontecia até bem pouco tempo. Mulher que jogava bola ou era mulher de exibição ou sapatão. Quando percebiam que eu não era lésbica, logo viam as piadas de como era o uniforme... se um dia ia ser convidado para jogar essa pelada e etc.

**Anexo 4 – modelo de autorização de entrevistas****CONTRATO DE LICENÇA**  
para uso de imagem, entrevista e áudio

Leia atentamente todos os termos deste contrato e, antes de assiná-lo, certifique-se que não exista mais dúvidas ou questionamentos sobre o mesmo, não hesitando em formular perguntas ou expor questões que julgue convenientes.

**CONDIÇÕES DO CONTRATO**

A licenciante autoriza a licenciada a utilizar os materiais provenientes da entrevista para qualquer modalidade, seja ela impressa, eletrônica, digital e multimídia, de uso exclusivo para a elaboração e divulgação do projeto de conclusão de curso de Comunicação Visual Design pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Todo e qualquer material produzido contendo a imagem da licenciante será entregue à mesma (por meio de uma cópia).

**LICENCIANTE**

---

*(Nome do entrevistado / número de identidade)*

---

*(Email)*

---

*(Telefone, celular)*

**LICENCIADA**

Letícia Rocha de Sá Ribeiro.

**PROJETO**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) de Design da UFRJ – “Futebol Feminino: o outro lado da paixão nacional.”

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

*(assinatura da licenciante)*